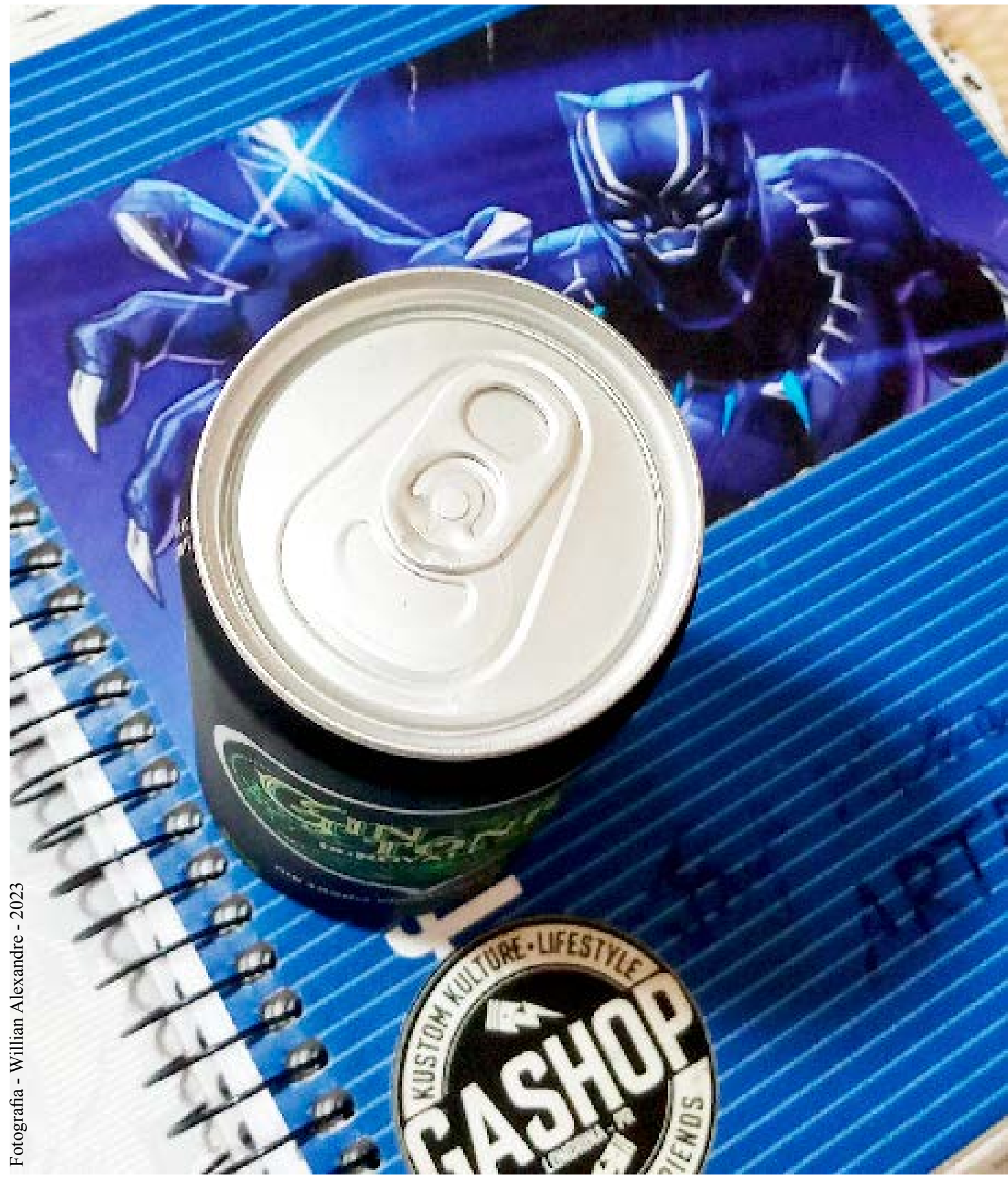


# D-ARTE

#27

ANO III  
NOVEMBRO  
DEZEMBRO  
2023

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA





# O PENSAMENTO É LIVRE

## Realização



Wilson Inacio - Arte & Design



Ronilson Rony

## *Around the World*



[dartelondrina@gmail.com](mailto:dartelondrina@gmail.com)

[www.ronilsonrony.com.br](http://www.ronilsonrony.com.br)

<https://ongartebrasil.blogspot.com/>

## Apoio cultural



Instituto Cultural Arte Brasil



BATUQUE  
NA  
CAIXA

## ISBN

# 978-65-999129-0-0

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://dartelondrina.wordpress.com/>

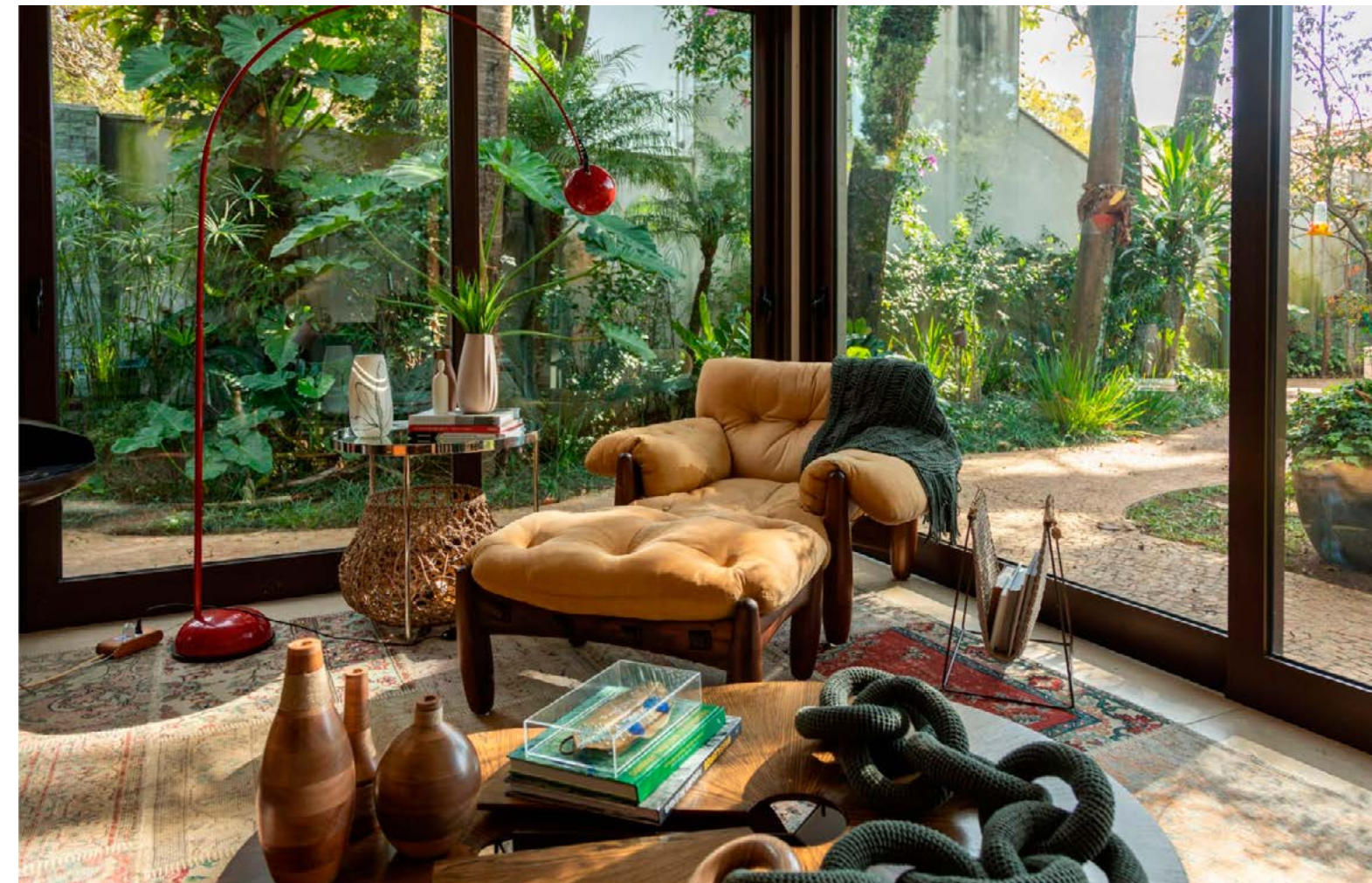
# Como as cores influenciam seu humor?

Publicado por Victoria Louise em 08/10/2023

<https://blog.artsoul.com.br/como-as-cores-influenciam-seu-humor/>

## **Na decoração e na apreciação de obras de arte, as cores que cruzam nosso caminho transferem informações emocionais que influenciam nosso humor e sensação de bem-estar**

No universo do design de interiores, as cores têm um papel central e muitas vezes subestimado na maneira como percebemos e vivenciamos nossos espaços. A psicologia das cores há muito é estudada para compreender como elas podem impactar nossas emoções e estados mentais, sendo essencial para criar ambientes que proporcionem conforto e bem-estar. Tomando por base a Teoria da Gestalt, a teoria das cores e as pesquisas do artista Kandinsky e da escritora Eva Heller, exploraremos a influência emocional das cores e como utilizar esse conhecimento para tornar o lar um refúgio de aconchego no cotidiano.



Ambiente decorado com peças do Artsoul Design. Foto: Marianna Cury

A Teoria de Gestalt, desenvolvida no início do século XX pelos psicólogos alemães Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler, estuda a percepção e organização das formas visuais pelo cérebro humano. Esse estudo busca comprovar a tendência natural do nosso cérebro em agrupar elementos em uma cena para formar padrões. Já a Teoria das Cores, impulsionada por estudiosos como Goethe e Johannes Itten, investiga como as cores afetam nossos sentidos.

Essas duas teorias estão interligadas quando se trata da influência das cores no dia-a-dia das pessoas. As cores possuem a capacidade de evocar sensações e sentimentos, e essa conexão entre percepção e emoção é um dos principais focos da Gestalt aplicada à estética visual. A Teoria de Gestalt evidencia que as mesmas não existem isoladamente, mas interagem e se influenciam mutuamente. Isso significa que a cor de um objeto pode ser percebida de maneira diferente, dependendo do contexto em que está inserida. Imagine uma parede pintada de vermelho: ao ser cercada por outras cores quentes contrastantes, sua intensidade se destaca, enquanto no contexto de tons mais neutros, pode assumir uma aura mais suave e discreta. Essa acuidade contextual das cores é fundamental para compreender como elas afetam o nosso humor e comportamentos. A obra de arte “Desvio para o Vermelho” de Cildo Meireles é um exemplo de como a aplicação destas teorias podem impactar a experiência visual do público. Dividido em três ambientes articulados, o primeiro deles, “Impregnação”, reúne uma exaustiva coleção de móveis, objetos e obras de arte em tons de vermelho, organizados em uma sala. A saturação monocromática do primeiro ambiente contrasta com a penumbra do segundo, “Entorno”, onde observamos uma pequena garrafa caída no chão, cujo líquido vermelho derramado produz uma grande mancha no espaço. Este caminho do líquido nos conduz a uma sala totalmente escura, “Desvio”, onde somos guiados pelo som de água corrente. A escuridão é quebrada apenas por uma pia deslocada, por onde sai uma água vermelha que cria a sonoridade do ambiente.



Cildo Meireles, Desvio para o vermelho I: Impregnação, 1967-84, materiais diversos, dimensões variáveis. Foto: Eduardo Eckenfels. Site Inhotim



Cildo Meireles, Desvio para o vermelho II: Entorno, 1967-84, materiais diversos, dimensões variáveis. Foto: Pedro Motta. Site Inhotim



Cildo Meireles, Desvio para o vermelho III: Desvio, 1967-84, materiais diversos, dimensões variáveis. Foto: Pedro Motta

O uso do vermelho intenso na instalação de Meireles, aliado à imersão dos visitantes nesse ambiente, demonstra a forma como a mente humana organiza as informações visuais em padrões coesos. Ao imergir nessa obra, o espectador é convidado a explorar a dinâmica entre os tons de vermelhos e seus contrastes. O artista demonstra como o vermelho, uma das cores mais intensas e simbólicas, pode evocar diferentes sentimentos e referências, dependendo da sua saturação e contexto; ora vazio, ora cheio, o cenário foge da normalidade do cotidiano, causando-nos um desconforto e falta de estabilidade – questionando, assim, o poder psicológico das cores e como elas podem ser utilizadas como ferramenta para expressar ideias e mensagens.

Wassily Kandinsky, considerado um dos artistas pioneiros da arte abstrata, acreditava que as cores possuíam uma linguagem própria, capaz de comunicar emoções diretamente ao observador. Em seu livro “Do Espiritual na Arte” (1912), Kandinsky reflete como as cores podem despertar sentimentos profundos e provocar uma resposta intuitiva. Para o artista, cada cor possui uma personalidade única e pode ser usada para expressar diferentes estados de espírito. Por exemplo, o amarelo pode representar calor, alegria e otimismo, enquanto o azul pode evocar calma, serenidade e introspecção. Ao aplicar essa abordagem na arte, Kandinsky criou pinturas abstratas que buscavam transcender a representação literal, explorando o poder psicológico das cores em sua forma mais pura.



Funcionários posam com obra “Murnau mi Kirche II”, de Wassily Kandinsky, durante leilão em Londres. 22/02/2023 (JUSTIN TALLIS / AFP/AFP). Reprodução: VEJA SP

### As cores na decoração de ambientes

O livro “Psicologia das Cores” de Eva Heller, pesquisadora e psicóloga suíça, proporciona interessantes ideias sobre as associações emocionais e culturais das cores, semelhantes às conclusões de Kandinsky. Heller mergulha nesse tema e ressalta que cada cor possui associações culturais, simbólicas e variadas ao longo do tempo e entre diferentes sociedades. O vermelho, por exemplo, pode evocar paixão e amor em algumas culturas, enquanto em outras pode estar associado à raiva ou perigo. O azul, por exemplo, é relacionado à tranquilidade e serenidade, enquanto o amarelo é associado à alegria e à energia. Essas associações podem variar de acordo com a experiência individual, mas existem tendências gerais que podem ser consideradas ao criar ambientes que transmitam determinadas emoções.

As interações entre essas abordagens enriquecem nosso entendimento sobre o papel das cores na comunicação visual, design e expressão artística, mostrando como cada uma possui uma associação emocional específica, influenciada por fatores culturais e experiências pessoais. Nos ajudando a compreender como as cores podem ser utilizadas para transmitir mensagens e evocar respostas em diversas áreas, desde o design gráfico até o marketing. A partir disso, é possível explorar formas de se trazer conforto e bem-estar na decoração de um espaço.

A busca por aconchego na decoração é uma tendência crescente, especialmente em um mundo cada vez mais agitado e conectado digitalmente. As cores, aliadas à iluminação, têm o poder de transformar espaços, criando sensações relaxantes que podem ser intensificadas com o conhecimento da Teoria das Cores.

As cores quentes, como tons de vermelho, laranja e amarelo, são associadas ao aconchego, devido à sensação de calor e intimidade que transmitem. Essas cores são ideais para ambientes como salas de estar e quartos, onde se deseja criar um clima acolhedor e convidativo. Um exemplo para essa decoração pode ser o estúdio Caulewood, assinado por Victor Iervolino, que apresenta uma diversidade de variações cromáticas da madeira, entre o quente e o terroso.

Kit Color – Caulewood



Já as cores frias, como azul, verde e violeta, podem ser usadas para criar ambientes mais relaxantes e serenos. Estas tonalidades são ideais para espaços de descanso e relaxamento, como quartos e banheiros. O azul, por exemplo, é associado à sensação de tranquilidade e paz, tornando-se uma excelente escolha para ambientes que requerem momentos de serenidade. Destaca-se aqui a série Biophilics da ceramista Gabriela Batista, também presente no site da Artsoul, que ao se inspirar nos elementos do mar, explora com delicadeza as cores azul e verde.



**BIOPHILIC FOLHAGEM  
VERDE – Gabriela Batista**

A combinação cuidadosa de cores também desempenha um papel essencial na busca pelo clima da decoração. O uso de cores complementares, que estão posicionadas em lados opostos do círculo cromático, pode criar um equilíbrio visual, enquanto a utilização de tons análogos, que estão próximos no círculo cromático, pode resultar em uma atmosfera suave e coesa.

Outro aspecto importante é o uso de cores neutras, como branco, cinza e bege, que podem ser combinadas com cores mais vibrantes para adicionar personalidade e contraste ao ambiente. Essas cores neutras funcionam como uma base versátil e atemporal, permitindo que os elementos decorativos e acessórios se destaquem. É o que consta nas peças da designer Lucia Honda, que costuma construir seus trabalhos a partir dos tons neutros.



# VASO CURVAS LISTRAS

031 – Lucia Honda



É importante frisar que combinações inadequadas podem resultar em desconforto visual e afetar emocionalmente as pessoas. Um exemplo é um escritório com paredes vermelhas e móveis verdes, que podem gerar agitação devido ao contraste e à quantidade de informação que as duas cores carregam. Essa combinação, que contrasta fortemente, pode criar um ambiente agitado e irritante para quem passa muitas horas nele. No estudo da cromoterapia – prática que utiliza a luz das cores para o tratamento de algumas doenças – a cor vermelha é uma cor estimulante que pode causar ansiedade e aumento da frequência cardíaca, enquanto o verde, muitas vezes associado à tranquilidade, não consegue neutralizar o impacto do vermelho, resultando em uma sensação de desconforto constante.

Essas inadequações também se aplicam a restaurantes, no qual paletas conflitantes, como vermelho e azul, podem criar uma sensação de desordem visual, tornando o ambiente caótico e pouco atraente. Os clientes podem sentir dificuldade em relaxar e desfrutar da refeição devido à desarmonia das cores ao seu redor. Já em ambientes de cuidados de saúde, como hospitais e clínicas, tons excessivamente brilhantes e vibrantes, como amarelo intenso ou laranja, podem causar desconforto e ansiedade nos pacientes, que já estão em um estado emocional vulnerável. Essas cores podem agravar a sensação de inquietação e a falta de conforto em um ambiente que deveria transmitir calma e segurança.

Em suma, é preciso que a escolha de cores para transformar qualquer espaço em um refúgio acolhedor e convidativo seja assertiva e cautelosa. A compreensão desses aspectos oferece uma base sólida para criar ambientes que não apenas sejam visualmente atraentes, mas também proporcionem conforto emocional e bem-estar aos seus ocupantes. Ao aplicarmos esse conhecimento com sensibilidade e criatividade, podemos criar ambientes verdadeiramente acolhedores e envolventes, tornando o lar um lugar de refúgio e conforto no cotidiano agitado da vida moderna.

Larissa Silva pesquisadora e curadora independente, graduada em Arte: História, Crítica e Curadoria pela PUC-SP.



# PERCUSSIONISTA DO BATUQUE NA CAIXA É PREMIADO PELA FUNDAÇÃO PALMARES

Luiz Carlos dos Santos Jr conheceu o batuque na caixa ainda aos 15 anos de idade em atividades da Epesmel e ali já demonstrava grande talento para a música. Luizinho como é conhecido, viajou para tocar com o Olodum, em Salvador, no ano de 2.001 e aprofundou seu conhecimento de música e cultura brasileira, inclusive participando dos cursos do Festival Internacional de Música de Londrina. Luizinho logo se tornou oficineiro do batuque na caixa e passou a orientar crianças e adolescentes em escolas, espaços comunitários, vilas culturais e assentamentos. Desde a pandemia, o músico participa das ações sociais do Instituto Cultural Arte Brasil, mantenedor do batuque na caixa, com entrega de alimentos, roupas, brinquedos e material escolar para as famílias de

alunos. Ele também foi fundamental para a execução de atividades relacionadas a carnaval popular como o projeto O Samba atravessa Londrina, realizado pela Escola de Samba Explode Coração e durante anos foi o maestro do grupo percussivo do Instituto Amafil e do projeto Vidigal, ambos em Cianorte. No dia 28 de novembro, o Diário oficial da União publicou a lista de reconhecidos pelo III Prêmio Arte Palmares lançado pela Fundação Cultural Palmares. Em quarto lugar no ranking nacional, aos 39 anos Luizinho comemora o reconhecimento por sua trajetória de superação e talento. Mais sobre o músico e contato para oficinas musicais: 43 99664-3534 Instagram: <https://www.instagram.com/luizinho01percussao/>



# batuque na caixa recebe brinquedos



O batuque na caixa recebeu mais de 150 brinquedos doados pela campanha organizada pela RPC e Sesc Cadeião Cultural Londrina. A campanha coletou produtos novos e usados em vários postos de atendimento e os brinquedos recebidos serão entregues aos alunos do projeto. Entregues pelo gerente do Sesc Rodrigo Figueiredo os brinquedos foram recebidos por Marcelo Barreto que representou a equipe do projeto. Criado em 1999 e mantido pelo Instituto Cultural Arte Brasil, o batuque na caixa oferece oficinas gratuitas de

música, literatura, dança e teatro para crianças, adolescentes e jovens de Londrina. O projeto conquistou prêmios relevantes e recentemente, seu ex-aluno e atual professor de percussão Luiz Carlos dos Santos Jr foi contemplado no Prêmio Palmares de Arte. Batuque na caixa oficinas é realizado através da Lei Rouanet/Ministério da Cultura/Governo Federal e conta com patrocínio de Sanepar, Rumo Logística e Unimed Londrina.

# RESISTÊNCIA CULTURA, CONSCIÊNCIA NEGRA, CULTURA POPULAR E LITERATURA: UM DOMINGO EM BOQUIM



**Um dia de domingo cultural com manifestações populares que nos encantaram na encantadora Boquim**

## A CIDADE

Localizada em Sergipe, Boquim possui cerca de 26 mil habitantes, está no litoral Sul do Estado e como é tradição no interior traz uma cultura forte baseada na arte popular negra cujas manifestações remetem ao período colonial, a luta contra a opressão da escravatura e cantos/danças ligados aos trabalhos com coqueiros, pescadores e o turismo. É conhecida como a terra da laranja e cidade onde nasceu o grande poeta Hermes Fontes.

Estive com a família em Boquim no dia 19 de novembro de 2023, um domingo de sol quando fomos recebidos por Sandra Rodrigues, Anderson Charles, Ana e José Reis, Siniclei Almeida, o vaqueiro Carlito e o cantor de forró Floriano Nogueira, líder do grupo Cabeça de frade. Mestre Floriano nos ofereceu suco de cacau, de produção artesanal. Conforme reportagem da Infonet, em junho de 2005, Floriano explica que a escolha pelo nome “Cabeça de Frade” se deu porque ela é um cacto da família do mandacaru, que tem várias utilidades e representa bem o homem nordestino. “Cabeça de Frade por ser um afrodisíaco, um amuleto contra mal olhado, ou alimento para o gado”. Segundo o músico o grupo exalta e explora a musicalidade nordestina e nada mais justo do que usar um autêntico símbolo da região.

## PROGRAMA RESISTÊNCIA CULTURAL

Para falar do programa Resistência Cultural é preciso antes de tudo falar de seus âncoras: Sandra Rodrigues é produtora cultural, professora e escritora que batalha pelo reconhecimento e valorização dos mestres da cultura popular.

Anderson Charles é escritor, professor, diretor e dramaturgo. Criador da Cia das Artes Mafuá, escreveu em 2020 o livro

Miguel dos anjos que recria histórias de personalidades de Boquim.

Ana Reis é cordelista, gestora (com o marido José Reis) do espaço cultural Alípio Reis e me presenteou com cordéis sobre Arauá, Aldir Blanc e Lourival Baptista. Ana e José Reis também versam sobre o cangaço e a religiosidade nordestina.

O professor Siniclei Almeida completa o time com carisma, cidadania e muito alegria.

Tive a oportunidade de participar de um debate ao vivo na rádio comunitária RCB com Pai Gil Caboclo (Terreiro de Umbanda Cosme e Damião) e Severo D’acelino (historiador, escritor e ator. Participou da novela Velho Chico, na TV Globo). O debate foi sobre racismo estrutural, movimento negro, cultura afro-brasileira e consciência negra.

## GELATECA BOCA QUENTE

Em cortejo (ao som do grupo de pífano do mestre Tonho Preto), seguimos da sede da emissora RCD até a gelateca Boca Quente. O som agudo do pífano contrasta com a suavidade na emissão o que comprovam a excelência de Tonho Preto no comando do instrumento.

O Projeto Reginaldo Oliveira: O Boca Quente, pretende incentivar a preservação da memória de pessoas, figuras que colaboraram para construção cultural de Boquim e da leitura. No domingo, dia 19 de novembro, às 10h30, participei e acompanhei o lançamento da gelateca literária, localizada ao lado do Empório dos Frios, na rua do Cipó.

Sandra Rodrigues e familiares do famoso Boca Quente (que tem sua história descrita no livro Miguel dos anjos, de Anderson Charles), Severo D’acelino, Anderson, vice prefeito de Boquim Chicão Almeida, Jéssica Ramos e eu participamos da inauguração da gelateca.



## GRUPO DE PÍFANOS DE MESTRE TONHO PRETO

Durante o evento, houve manifestação cultural do grupo Capoeira Brasil e o pífano de Mestre Tonho Preto com acompanhamento de percussão sob o olhar atento da pesquisadora Jéssica Ramos que tem aprofundado seus estudos sobre danças e ritmos sergipanos.

Antônio Modesto (Tonho Preto) é reconhecido mestre da cultura popular pelo Governo de Sergipe. Nascido em Riachão de Dantas, sempre esteve envolvido com as manifestações que envolvem cultura e religiosidade. Aos 30 anos de idade, passou a organizar a festa de vaqueiros em Boquim que em seguida se concretizou como evento completo com a missa de vaqueiros.

Em sua trajetória, Mestre Tonho Preto reúne os conselhos da velha mãe que faleceu aos 100 anos de idade, o amor pela flauta de pífano, o conhecimento que faz questão de compartilhar e a religiosidade presente em sua arte. Rezadeiras, vaqueiros, versejadores, parteiras e a culinária popular estão em seu cotidiano.

“Eu posso deixar a missa dos vaqueiros nas mãos de um filho meu. Porque ele sabe como fazer. Faz por amor” revela mestre Tonho Preto no documentário patrocinado pela Lei Aldir Blanc, em 2021. É o grande responsável por manter viva esta tradição cultural.

## CORDEL CORDÉIS

Após o almoço, fomos conhecer o Cantinho Cultural Alípio Reis, fundado por Ana e José Reis: espaço aconchegante que reúne obras do casal e de outros autores. Chamou-me a atenção um cordel sobre Hermes Fontes e outro sobre o compositor Aldir Blanc.

O cantinho também possui preciosidades sobre Arauá, o cangaço, educação e meio ambiente. Com muito respeito pela literatura de cordel e pelos visitantes, o casal Reis nos presenteou com livros e uma boa sobremesa na tarde quente de domingo. Emocionante constatar como dedicam a vida à arte e ao fazer literário que se misturam com a educação. Afinal, Ana Reis é professora da rede pública e leva seu conhecimento e entusiasmo às novas gerações.

## EVENTOS

Na semana de 20 de novembro, Sandra Rodrigues foi eleita delegada na III Conferência Estadual de Sergipe e recebeu a Insignia EWA pelas mãos do filósofo, ator, escritor e historiador Severo D'acelino, em evento na Universidade Federal de Sergipe. No dia 25 de novembro foi entrevistada no programa Giro Sergipe, da TV Sergipe, afiliada da Globo em que a vida e obra do poeta Hermes Fontes foram abordadas. Em 28 de agosto de 2023 se comemorou 135 anos do nascimento do escritor Hermes Fontes

Jéssica Ramos, Gustavo Ramos, Manu Ramos, Maria Helena Ramos de Moraes e eu viajamos a convite de Sandra Rodrigues e com apoio do Supermercado Prado Vasconcelos, GM tudo para seu animal e homem do campo (Ana Brasília e Gabriel Espetinho), Amor em Cactos, Flores e Sabores (Posto Provera), Amanda Carvalho, professor Carlos, Vice-prefeito Chicão Almeida, a vereadora Adriana Maciel, o vereador Jonas Vidal, Alan Lima, Adilton Lima, vereador Nivaldo da Bala, Buffet e Cervejaria do Beló, e Nadson Oliveira (Empório dos frios Boquim).

## LINKS:

Assista o documentário da Missa do Vaqueiro organizada por Mestre Tonho Preto [https://www.youtube.com/watch?v=ix\\_zY7aTymI](https://www.youtube.com/watch?v=ix_zY7aTymI)

Cobertura especial para a Revista D'arte: Aldo Moraes MTB 0010993/PR





# Pode, Chefe?

podcast



Ouçá no  
**Spotify**



**@podechefe**



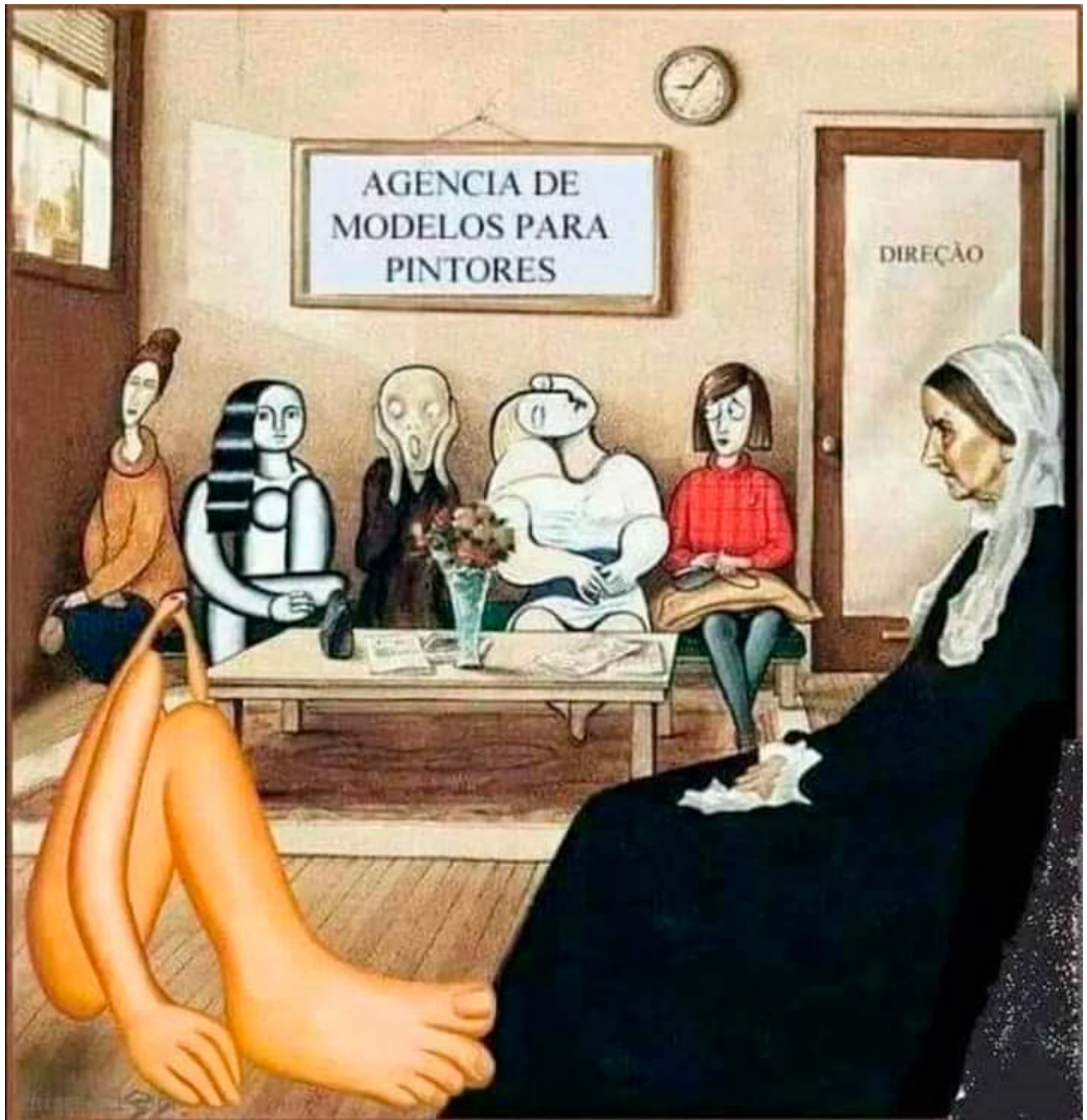
**@podechefeoficial**




# Pode, Chefe?

podcast



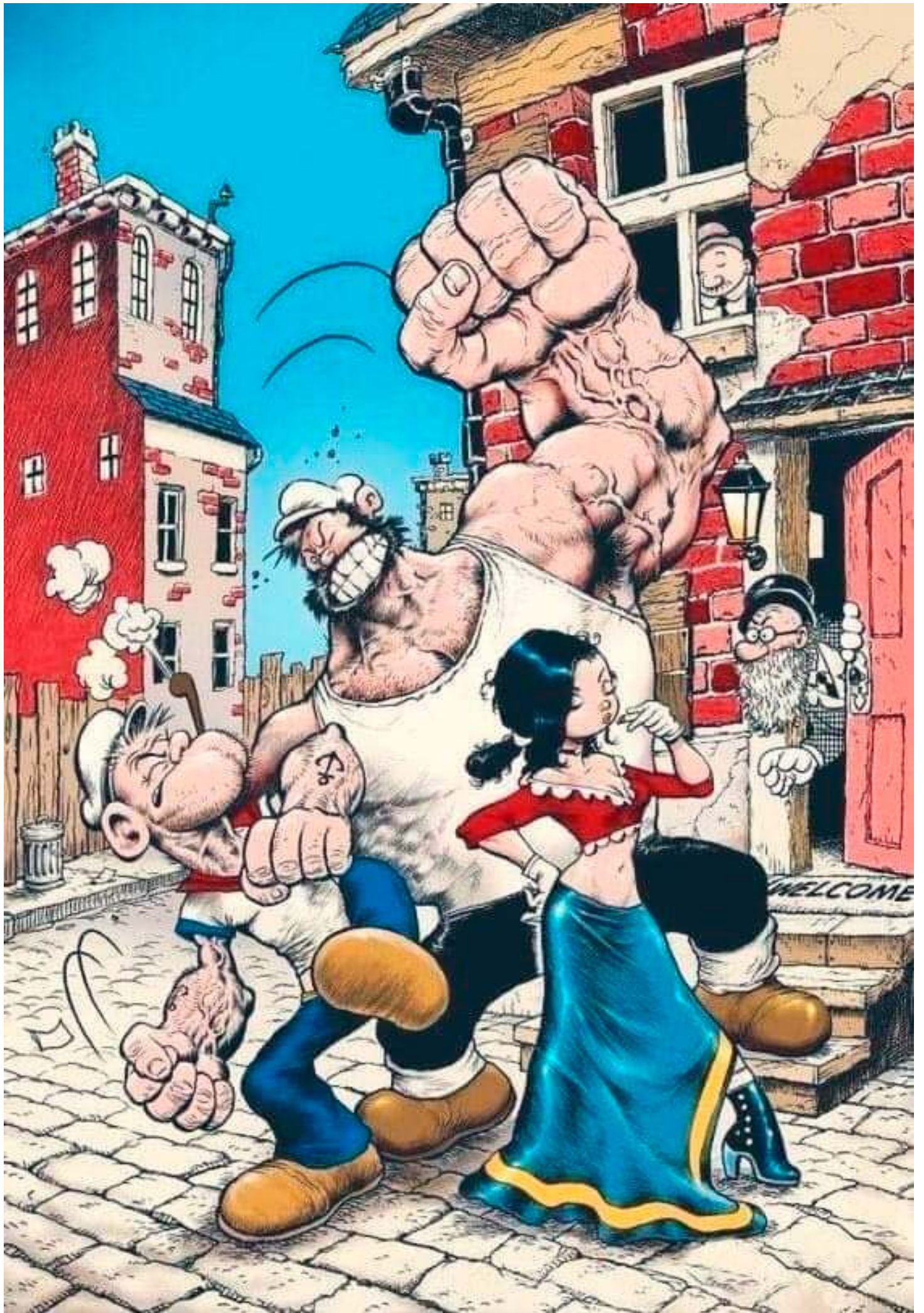




CARAMBA, É GRANDE À BEÇA.  
NÃO TEM COMO VENCER.

CARAMBA, É GRANDE À BEÇA.  
NÃO TEM COMO ERRAR.





# Raízes negras: a força do canto ancestral de Livia Aquino

Mais que um evento, o show de Livia Aquino que ocorreu no sábado, 21 de outubro de 2023, na Praça da Juventude, de Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe, é uma verdadeira celebração da vida, da arte e da mulher contemporânea. Mulher empoderada, orgulhosa do seu ser e saber e que; assume e representa as raízes negras do Brasil continental. Alias, não por acaso, Raízes Negras é o nome do espetáculo musical. Patrocinado pelo edital de Economia Criativa do Sebrae Sergipe e apoiado por vários órgãos da Prefeitura Municipal de Socorro, foi também o lançamento do EP de mesmo nome da cantora. A abertura contou com o consistente show de Rômulo Aquino, tio da artista e que teve influência decisiva em sua escolha pela música brasileira enraizada em nossa cultura e história. Apoiado por guitarra, baixo e bateria, Rômulo entregou ótimas interpretações de clássicos de Lulu Santos, Alceu Valença, Djavan e Renato Russo. Claro, entregou o palco à Livia muito aplaudido pelo público. A praça contou com artesãos e trabalhadores da culinária que atuam na feirinha do ipê e o público teve o conforto de uma estrutura de segurança e acessibilidade organizada pela produção de Livia Aquino, com comando de Camilla Freire. Quando Livia sobe ao palco, seu carisma, talento e competência demonstram e confirmam porque é um dos grandes talentos de Sergipe, que o Brasil deve e merece conhecer. Ela canta com a alegria e dedicação de uma autêntica tecelã das canções. Seu repertório de canções autorais e conhecidas nos remete ao Brasil dos nossos ancestrais com uma pegada moderna e alicerçada na temática afro. De maneira muito pessoal e com identificação em nossas raízes da tradição musical mais nobre, Livia interpretou Festa de Maria (Dão Black) e Milagreiro (Jucka Maneiro e Sandoval Melodia). Não se pode separar a voz da estrutura das canções, nem a cantora de sua banda de apoio tal a identificação de Livia com a arte musical. Nasceu mesmo para cantar! O evento contou com a presença de autoridades do município; da gestora do Ministério da Cultura em Sergipe Thiane Araújo; da Secretária de Cultura de Umbaúba Angelita dos Santos; do músico e consultor de projetos Aldo Moraes; da produtora cultural Jéssica Ramos; da representante do Sebrae Sergipe e dos entusiasmados fãs. Livia Aquino também contou com a participação do grupo feminino de percussão Maria Tambô, que levou o público ao delírio sob comando do percussionista Edson Pikeno que contribuiu no entrosamento de voz, banda e a legítima percussão afro-baiana. Na quarta feira, 14 de dezembro de 2023 Livia Aquino abriu a 4ª Conferência Nacional da Juventude, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília (evento que reuniu milhares de jovens e estudiosos do tema e que não era realizado há 8 anos). Livia cantou o Hino Nacional Brasileiro e foi acompanhada na segunda parte pela cantora e Ministra da Cultura Margareth Menezes. A artista sergipana foi aplaudida pelos jovens e recebeu um afetuoso abraço do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. O evento foi marcado pelo tema “Reconstruir no Presente, Construir o Futuro: Desenvolvimento, Direitos, Participação e Bem-Viver” e teve também as presenças de Janja Lula da Silva, e dos ministros Márcio Macedo (Secretaria-Geral da Presidência da República), Anielle Franco (Igualdade Racial), Margareth Menezes (Cultura), Silvio Almeida (Direitos Humanos e da Cidadania), Luciana Santos (ciência, Tecnologia e Inovação), o secretário nacional de Juventude, Ronald Santos, e o presidente do Conselho Nacional de Juventude, Marcus Barão.

Link para ouvir as canções inéditas: <https://drive.google.com/drive/folders/1A3T56JxyFqLe85o7KgHOvjSnyKQGxMc>  
Instagram de Livia: <https://www.instagram.com/liviaaquino0/>

Para a Revista D'arte: Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)



# CULTURA Sergipano

## Festa Os Caretas de Ribeirópolis

*Homenagem ao eterno Moacir*

**veja o vídeo clicando aqui**



Ribeirópolis, município de Sergipe que fica a 75 km da capital, possui pouco mais de 18 mil habitantes. Está situada na zona intermediária, entre o Agreste e o Sertão do Estado, faz limites com as cidades de Frei Paulo, Itabaiana, Moita Bonita, Nossa Senhora das Dores, São Miguel do Aleixo e Nossa Senhora de Aparecida. Atualmente possui 32 povoados. Em 18 de dezembro de 1933, ocorreu a sua emancipação, anteriormente o município era chamado de Saco do Ribeiro. Desde o início do século XX, o povo encaminhava-se às cidades vizinhas para participar de festas populares, principalmente no mês de fevereiro, quando se comemora o Carnaval em todo o país. Isso porque, em Ribeirópolis, não havia nenhuma animação desse tipo no período

Atualmente, há duas festas tradicionais na cidade: a do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus e a dos Santos Reis. Esse último objeto de estudo deste trabalho. O festejo dos Santos Reis precisa ser representado muito mais para o povo dessa cidade do que uma simples folia. Faz parte do folclore, da história e da vida de todos que nasceram, cresceram e vivem no município..

A brincadeira inicia-se sempre no mês de fevereiro, antes da comemoração do Carnaval no país, e surgiu através da ideia de um fazendeiro da região, José Robustiano de Menezes (Além de Robustiano ter sido um fazendeiro influente, foi prefeito de Ribeirópolis por duas legislaturas, em 1935 e depois em 1946. Chegou a assumir à presidência

da Câmara de Vereadores e com a candidatura do prefeito atual na época para Deputado Estadual, Josué Passos, Robustiano volta ao cargo de prefeito. E foi justamente no período do seu terceiro mandato que ele criou, na sua fazenda, em meados do século XX, a festa dos Caretas que permanece até os dias atuais). Ele resolveu se divertir durante o período carnavalesco com os seus trabalhadores e, a partir daí a festa não parou mais. Já se passaram até hoje, 65 anos de comemoração. Os Caretas: por dentro da história

O festejo acontece em grupo, todos os anos, desde 1950, percorrendo as principais ruas de Ribeirópolis. É formado por crianças, jovens, adultos e até os idosos que não deixam de fazer parte dessa alegria. O resgate inicia-se logo às 5h da manhã, onde é marcado em um ponto na cidade, e a partir daí, os participantes se encontram e começam mais uma etapa da vida do município. Quase todos os foliões saem caracterizados com vestidos femininos e máscaras no rosto para não serem reconhecidos. O que revela o lado curioso da tradição, visto que ninguém sabe quem está por trás das fantasias. A apresentação dos Caretas, como são conhecidos, entrou para o calendário festivo do povo ribeiropolense. A folia atrai dezenas de visitantes que vêm participar dessa “pequena” brincadeira e, ao longo dos anos, apresenta-se sem interrupções. O Carnaval dos Caretas já é uma tradição há 65 anos, mas poucos são os registros daquela época. Como não existia a internet, conseqüentemente, as redes sociais, as pessoas não tinham como divulgar de forma imediata o período carnavalesco. Leniza Meneses de Jesus, filha do fundador da festa, José Robustiano de Menezes, que viveu os primeiros momentos dessa tradição, revelou que as máscaras eram confeccionadas pelo próprio pai e, anteriormente, algumas vinham até do Rio de Janeiro.

### Os Caretas: as mudanças

Nos últimos anos, a maioria dos Caretas participava do cortejo sem o uso de máscaras, o que descaracterizava esse patrimônio imaterial de Ribeirópolis que precisava urgente ser preservado, sem extinguir sua essência que nasceu com o intuito de diversão, mistério e surpresa. Essa descaracterização é facilmente percebida durante os últimos anos de folia. Em 2014, pela fotografia, fica cristalino perceber que a grande maioria dos participantes está sem máscara. Se algo não for feito, a festa dos Caretas ficará conhecida como “a festa dos sem caretas”.

Festa dos Caretas - Autor: Equipe CS - <https://culturasergipana.com.br/galerias/noticias/festa-os-caretas-de-ribeiropolis-venha-conhecer/>

Na festa deste ano, a Festa dos Caretas do município se restringiu apenas ao “Cortejo de Caretas”. A nova gestão priorizou o pagamento em dia dos servidores. Segundo a assessoria, a prefeitura precisou tomar esta medida em decorrência da crise financeira em que atravessa o município.

A gestão alega que a tradição principal da festa será mantida: o “Cortejo dos Caretas”. Desde 2015, o festejo se tornou Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado de Sergipe, após a sanção da Lei número 8.067/2015, de iniciativa do deputado estadual George Passos (PTC). Vale ressaltar que o portal Cultura Sergipana, que fez parte da Monografia de conclusão de curso da atual Museóloga, Elisângela Barreto Mota, teve grande influência nessa sanção. Espera-se que nos próximos anos, com a dedicação do atual prefeito de Ribeirópolis, Antônio Passos, a Festa mais tradicional do município voltará, sem dúvida, aos anos de glória.



# Funcart dança para comemorar os 89 anos de Londrina

Suíte de “O Lago dos Cisnes” e “Bora!”, sucessos da Escola Municipal de Dança e do Ballet de Londrina, serão apresentados no Lago Igapó e na Concha Acústica gratuitamente como presentes à cidade



Cartões postais de Londrina vão receber um movimento especial neste aniversário. Isso porque a comemoração será tripla: além dos 89 anos do município, o Ballet de Londrina e a Escola Municipal de Dança completam, juntas, neste dezembro, três décadas de trajetória ininterrupta. Para celebrar as efemérides, a Funcart leva duas de suas mais recentes produções para espaços abertos, em apresentações gratuitas. No sábado, dia 9 de dezembro, às 17h30, o público poderá assistir ao pôr-do-sol no Palco Flutuante do Lago Igapó I (acesso pela Rua da Canoagem) com dezenas de bailarinos encenando uma suíte de “O Lago dos Cisnes”, da Escola Municipal de Dança. Já na segunda-feira, dia 11 de dezembro, é a vez do Ballet de Londrina eletrizar o centro histórico com a apresentação de “Bora!” na Concha Acústica (Rua Piauí, 130), às 19 horas. A Fundação Cultura Artística de Londrina tem patrocínio da Prefeitura Municipal e, nesta programação, conta com a parceria do Festival de Dança de Londrina.

Clássicos flutuam sobre o Igapó - Com direção geral de Luciana Lupi e direção artística de Marciano Boletti, a versão integral de “O Lago dos Cisnes” lotou quatro sessões do Teatro Ouro Verde na última semana. As repercussões nas redes sociais e na imprensa, além dos inúmeros aplausos em cena aberta, já atestam a montagem

como um dos sucessos recentes da Escola. No palco do Lago Igapó, será apresentada uma suíte com cerca de uma hora de duração, reunindo o 2º e 4º atos na íntegra. “É um presente que a gente entrega à cidade no seu aniversário e, ao mesmo tempo, uma forma de agradecer ao público que também sempre abraçou a nossa história”, antecipa Lupi, coordenadora da EMD.

Esses são trechos do balé de repertório que se passam justo no cenário do lago dominado pelo Mago Rothbart, vilão que transforma a princesa Odette e seu séquito em cisnes. Apenas em algumas horas da noite, a princesa retorna à forma humana. O feitiço só pode ser quebrado por um homem que a ame. É aí que entra em cena o príncipe Siegfried, que descobre o segredo da bela moça em uma de suas caçadas às margens das águas. Apaixonado, ele promete que a libertará de sua cruel condição. O mago, entretanto, traça uma nova estratégia: transforma sua filha Odile em uma mulher idêntica a Odette e apresenta-se como cavaleiro e pai da moça na corte do príncipe, confundindo-o. Enfeitiçado por Odile, Siegfried quebra o juramento. Amparada pelos cisnes brancos, Odette lamenta sua má sorte e só compreende a situação quando o príncipe chega e explica as trapaças às quais foi submetido pelo mago. Ela o perdoo e eles renovam os votos de amor.



O casal protagonista será interpretado por Matheus Nemoto (convidado do Ballet de Londrina) e pela bailarina Lara Bera Santini. A adaptação londrinense do clássico de Tchaikovski, montado originalmente pelo Teatro Bolshoi de Moscou no fim do século XIX, traz centenas de figurinos inéditos. O Palco Flutuante do Lago Igapó receberá tablado, linóleo e tratamento especial para a performance dos dançarinos. O público poderá ficar nas arquibancadas e também no gramado nas laterais do espaço.

Bora! para a Concha - As luzes frias do centro da cidade e a verticalidade dos prédios em torno da Concha Acústica são o espaço propício para a apresentação de “Bora!”, montagem do Ballet de Londrina que estreou em 2022 com coreografia do premiado Henrique Rodovalho e figurinos de Cássio Brasil. “A Concha representa muita na história da nossa cidade. Para esta celebração, a gente queria que fosse um espaço que já tivesse sido palco de

muitas apresentações e manifestações”, explica o diretor da companhia, Marciano Boletti.

Animado pela música eletrônica do compositor japonês Aoki Takamasa e do multiartista português Komet, o espetáculo é, ao mesmo tempo, leve, irônico e contagiante. Produzido a partir das reflexões do pós-pandemia, que lançou a humanidade no hostil ambiente virtual, “Bora!” se apresenta como um chamado para ir adiante, mas também lança a pergunta: avançar para onde? Por meio desta aparente contradição, faz um estudo irreverente sobre o movimento do homem na pós-modernidade – contexto de fim das utopias e de relações líquidas.

Desde a estreia, a companhia oficial da cidade já realizou mais de trinta apresentações e chegou a São Paulo (capital) em julho deste ano, com repercussão muito positiva do público e da crítica especializada. O cenário, assinado pelo coreógrafo e por Renato Forin Jr., levará à



Concha Acústica estruturas luminosas que contornam um vazio branco reflexivo. Ele remete à imensidão do espaço virtual, como se os dez bailarinos dançassem sobre uma grande tela.

A coreografia impressiona pelo dinamismo e pela capacidade de criar sequências como fotografias cinéticas, que revelam a fragilidade dos afetos no século XXI, entre o desejo de pertencimento e a necessidade de manter a individualidade. É possível identificar o “efeito manada” das redes sociais, que, ao mesmo tempo em que garantem o sentimento de integração com grupos de pensamento parecido, é o ambiente da solidão, dos cancelamentos, das bolhas e dos haters.

O Ballet de Londrina tem direção de produção de Danieli Pereira e o elenco é formado por Alessandra Menegazzo, Ariela Pauli, Higor Vargas, Ione Queiroz, José Villaça, Matheus Nemoto, Nayara Stanganelli, Peter Levi, Viviane Terrenta e Wesley Silva. A apresentação na Concha Acústica integra a Mostra Cultural Funcart, que tem patrocínio da Itaipu Binacional.

EMD e Ballet de Londrina comemoram os 89 anos da cidade

Apresentações gratuitas em espaços abertos de Londrina  
Classificação indicativa: Livre

“O Lago dos Cisnes” (suíte)

Escola Municipal de Dança

9 de dezembro (sábado)

às 17h30

Palco flutuante do Lago Igapó I

Acesso pela Funcart (Rua Senador Souza Naves, 2380) ou pela Rua da Canoagem

“Bora!”

Ballet de Londrina

11 de dezembro(segunda-feira)

às 19 horas

Concha Acústica de Londrina

(Rua Piauí, 130)





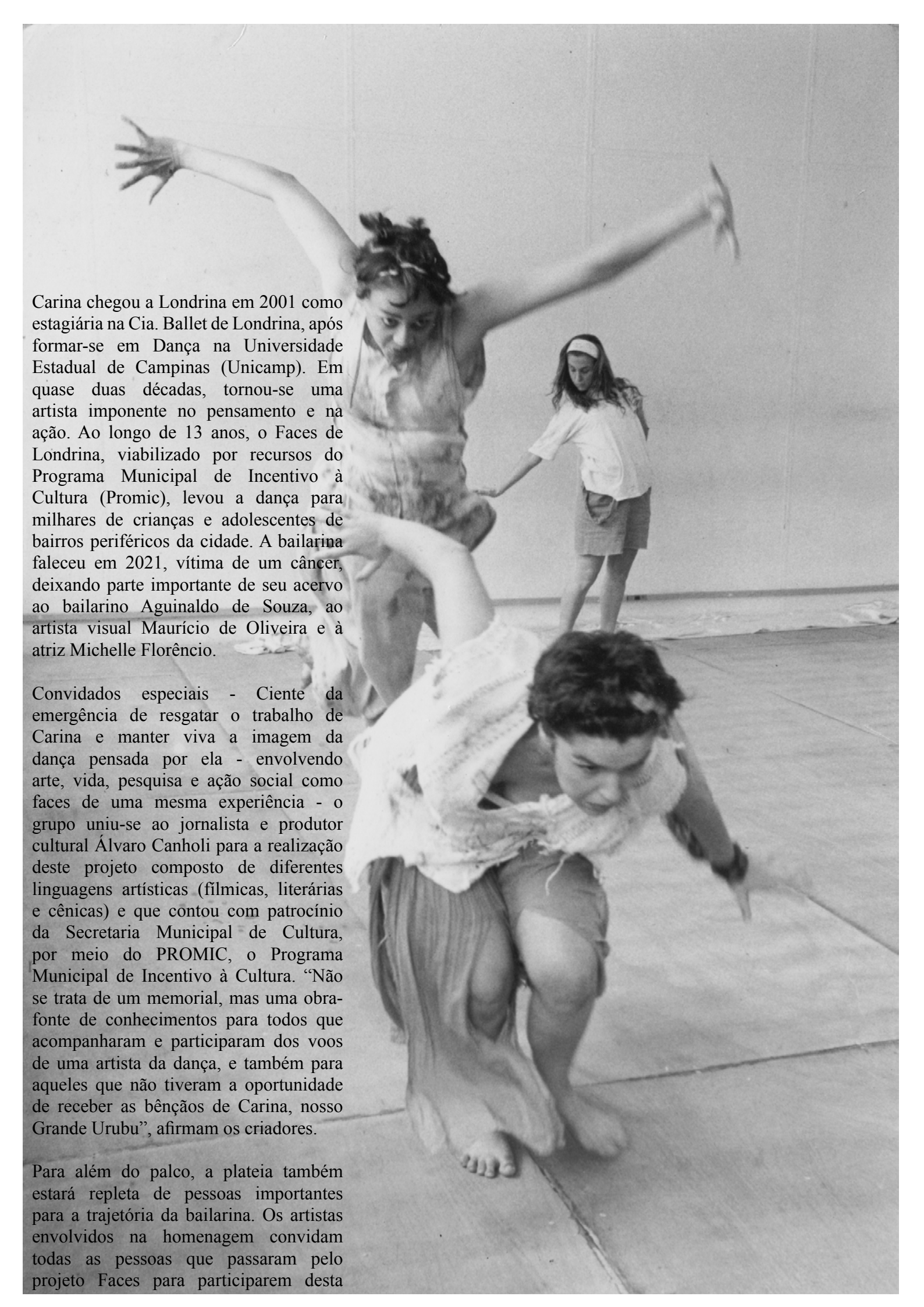
**FESTIVAL  
DE DE DANÇA  
DE LONDRINA**

# Carina Corte é homenageada no Festival de Dança de Londrina

O programa “A Bênção do Grande Urubu”, que reúne documentário e apresentação de coreografias, celebra o trabalho da bailarina que faleceu em 2021 e que deixou seu nome marcado pela condução do Faces de Londrina, um dos maiores projetos artístico-sociais da história da cidade.

A noite desta quinta-feira de feriado, dia 12, será de emoção, celebração e exemplo de vida no Festival de Dança de Londrina. No palco do Ouro Verde, artistas de Londrina e de outras regiões do país se unem para um tributo ao legado da bailarina Carina Corte, que integrou o elenco do Ballet de Londrina, foi professora de dança e desenvolveu na cidade o projeto artístico-social Faces de Londrina, uma referência no campo das políticas culturais. O programa é composto pela exibição do documentário “A Bênção do Grande Urubu”, que reconstrói a trajetória da profissional por meio de imagens, lembranças, depoimentos e sentimentos, pelo pré-lançamento de um livro com estas informações, e pelo espetáculo “Abençoados pelo Grande Urubu”, com coreografias em sua homenagem. A ave que dá título aos trabalhos é um animal de inspiração artística e de movimento de Carina Corte desde seus primeiros passos na dança.





Carina chegou a Londrina em 2001 como estagiária na Cia. Ballet de Londrina, após formar-se em Dança na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em quase duas décadas, tornou-se uma artista imponente no pensamento e na ação. Ao longo de 13 anos, o Faces de Londrina, viabilizado por recursos do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic), levou a dança para milhares de crianças e adolescentes de bairros periféricos da cidade. A bailarina faleceu em 2021, vítima de um câncer, deixando parte importante de seu acervo ao bailarino Aguinaldo de Souza, ao artista visual Maurício de Oliveira e à atriz Michelle Florêncio.

Convidados especiais - Ciente da emergência de resgatar o trabalho de Carina e manter viva a imagem da dança pensada por ela - envolvendo arte, vida, pesquisa e ação social como faces de uma mesma experiência - o grupo uniu-se ao jornalista e produtor cultural Álvaro Canholi para a realização deste projeto composto de diferentes linguagens artísticas (filmicas, literárias e cênicas) e que contou com patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura, por meio do PROMIC, o Programa Municipal de Incentivo à Cultura. “Não se trata de um memorial, mas uma obra-fonte de conhecimentos para todos que acompanharam e participaram dos voos de uma artista da dança, e também para aqueles que não tiveram a oportunidade de receber as bênçãos de Carina, nosso Grande Urubu”, afirmam os criadores.

Para além do palco, a plateia também estará repleta de pessoas importantes para a trajetória da bailarina. Os artistas envolvidos na homenagem convidam todas as pessoas que passaram pelo projeto Faces para participarem desta

noite especial. A eles serão distribuídos ingressos gratuitos, que podem ser retirados com o produtor Álvaro Canholi em horário comercial, no Teatro Ouro Verde, ao longo dos dias 11 e 12 de outubro, ou a partir das 18 horas na noite da apresentação. Solicita-se, se possível, que o interessado pelo ingresso leve um comprovante de participação no projeto, como fotos ou outro documento. A todas estas pessoas, que serão cadastradas, o projeto fará a distribuição do livro “A Bênção do Grande Urubu” posteriormente.

O Festival de Dança de Londrina 2023 é uma realização da APD (Associação dos Profissionais de Dança de Londrina e Região Norte do Paraná) e tem patrocínio da Prefeitura Municipal de Londrina / Secretaria Municipal de Cultura, por meio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), com apoio institucional da Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Conta ainda com o apoio cultural da Rádio UEL FM.

Ficha técnica:

Documentário “A Bênção do Grande Urubu”

Direção, captação e montagem: Fran Camilo

Pesquisa: Aguinaldo de Souza, Álvaro Canholi, Maurício de Oliveira e Michelle Florêncio

Entrevistas: Álvaro Canholi

Produção: Álvaro Canholi e Michelle Florêncio

Curadoria de imagens: Aguinaldo de Souza, Camila Fontes e Maurício de Oliveira

A Dança como Celebração - “Abençoados pelo Grande Urubu”

Artistas da dança apresentam coreografias em homenagem à bailarina Carina Corte

Bailarinos e bailarinas: Aguinaldo de Souza, Aurélio Gabriel, Bailarino Black, Carol Aleixo e Lívia Aleixo, Danilo Alves, Paula Stricker, Grupo Infantojuvenil – Escola de Dança Carol Aleixo e Projeto “O Corpo como Princípio: Afrografias”



## Festival de Dança termina com coreografia aérea e celebração-manifesto pelo Dia do Professor

Após nove dias intensos com espetáculos nacionais e internacionais, encerramento do Festival de Dança 2023 é marcado por distribuição de dentes-de-leão ao público, performances e ato em defesa da educação no Paraná

Encarando o desafio de mostrar que a arte e a educação podem e devem bailar no mesmo compasso, a edição 2023 do Festival de Dança de Londrina terminou neste domingo (15) e cumpriu o que se propôs a fazer desde o último dia 7, quando começou: espalhar sementes. Se, ao longo dos nove dias de espetáculos, as sementes propagadas nos palcos circulavam no campo das ideias e das emoções, invisíveis aos olhos, a metáfora foi materializada na frente

do Teatro Ouro Verde na noite de encerramento. Num gesto simbólico e delicado, a organização do evento presenteou o público na saída do espetáculo argentino “T para T”, da Brenda Angiel Cia. de Danza Aérea, com dentes-de-leão colhidos pela cidade para que os presentes difundissem seus próprios grãos para um futuro mais promissor - referência ao conceito que guiou todo o material gráfico e curatorial do Festival.

Esta não foi a única surpresa preparada pela produção. Em homenagem ao Dia do Professor, comemorado em 15 de outubro, o Festival estendeu ao longo da fachada do Ouro Verde cartazes com a letra do “Samba da Utopia”, poema-



canção de Jonathan Silva, utilizados no cenário do espetáculo “Ledores no Breu”, da Cia. do Tijolo, apresentado no dia 13, e que aborda a árdua missão dos educadores no Brasil. Numa espécie de cerimônia-manifesto em frente ao Teatro conduzido pelo curador e coordenador de comunicação Renato Forin Jr., foram lidos trechos de educadores e transmissores de saberes como Paulo Freire e do imortal da ABL Ailton Krenak.

Para contribuir com as reflexões sobre as relações entre arte e educação – tema do Festival 2023 - em um contexto de retirada das disciplinas estéticas das matrizes curriculares e de plataformização do ensino, foram chamados a discursar três educadores: Maria Evilma Alves Moreira, Secretária de Promoção de Igualdade Racial e Combate ao Racismo da APP-Sindicato; Kennedy Piau Ferreira, docente do Departamento de Artes Visuais da UEL; e Bruno César Garcia, da Secretaria de Organização da APP-Sindicato. Outros dois professores realizaram intervenções artísticas na festa de encerramento: Vanessa Deister, docente da UEM, apresentou a performance “Carpideira”; e Cláudio de Souza, professor da Escola Municipal de Dança, fechou os trabalhos com um solo de dança contemporânea. O ato reuniu centenas de pessoas no calçadão em frente ao Teatro Ouro Verde, principalmente educadores, estudantes das licenciaturas e entusiastas da escola, muitos dos quais vestiam camisetas com imagens e frases poéticas sobre o gesto de ensinar.

Alguns dos espetáculos desta edição abordaram as consequências do isolamento, da mortalidade e do

mergulho virtual na pandemia. Foi o caso da montagem de encerramento, que levou ao palco e aos ares do teatro três bailarinos argentinos momentos antes da cerimônia de encerramento. As belas coreografias aéreas de “T para T” mostravam o mundo “virado do avesso” em que perpetramos e intercalavam dança com depoimentos pessoais dos artistas, como a perda da mãe da coreógrafa Brenda Angiel pela Covid-19, as memórias que não puderam ser concluídas e a dor de um bailarino trans em assumir sua identidade em uma peça que fala de relações amorosas. “Mercúrio”, apresentado dias antes, também foi um espetáculo que nasceu das profundas transformações originadas da pandemia e da necessidade urgente de reinventar as relações humanas, um sensível mergulho nas muitas formas do amor, traduzido nos movimentos precisos dos bailarinos Luiz Oliveira e Irupé Sarmiento, em coreografia de Henrique Rodvalho e com eco de palavras poéticas da escritora portuguesa Matilde Campilho.

Reflexões e emoções à flor da pele também marcaram outras noites desta maratona cultural, que ao longo de nove dias levou para o Teatro Ouro Verde e para a Divisão de Artes Cênicas / Casa de Cultura da UEL um público de aproximadamente 6 mil pessoas. O que dizer da visão de uma plateia assistindo extasiada e aplaudindo de pé as coreografias “Cinco” e “Bora!”, que compõem o programa “Humana Natureza”, do Ballet de Londrina, companhia anfitriã do Festival que está comemorando 30 anos de trabalho ininterrupto? Ou do encantamento ao final da apresentação da suíte de “Dom Quixote”, apresentada pela Curitiba Cia. de Dança, que trouxe ainda ao palco do Ouro



Verde “Memória de Brinquedo”, para lembrar a todos da importância do lúdico em qualquer fase da vida?

O que dizer do misto de sensações provocadas pelo “Mestiço Florilégio” dos mestres Antonio Nóbrega e Rosane Almeida, que foram para o meio do público no espetáculo de estreia do Festival, arrancando lágrimas e risos com uma belíssima reunião de canções, momentos teatrais e peças coreográficas de ambos? Ou das gargalhadas de crianças e adultos ao acompanhar as trapalhadas das “Multidanças” Adelaide, Cora e Frida, da Grita Cia. de Palhaças?

As grandes asas de Carina - Para homenagear uma educadora-bailarina que fez história na cidade, o Festival de Dança foi palco também da estreia de “A Bênção do Grande Urubu”, um tributo ao legado de Carina Corte, que integrou o elenco do Ballet de Londrina, foi professora de dança e desenvolveu o projeto artístico-social Faces de Londrina. Ao longo de 13 anos, o projeto levou a dança para milhares de crianças e adolescentes de bairros periféricos da cidade. Mais uma vez, o Festival também foi vitrine para artistas locais, profissionais e amadores, filiados a diferentes modalidades da arte do movimento na mostra local “Dança Londrina”.

Em uma noite de inverno em plena primavera, o público lotou a Divisão de Artes Cênicas para prestigiar um dos mais importantes grupos de teatro da atualidade, a Cia. do Tijolo, de São Paulo, que apresentou pela primeira vez em Londrina a montagem “Ledores no Breu”, inspirada na obra do educador Paulo Freire, no texto “Confissão de Caboclo”, do poeta paraibano Zé da Luz, e em vários excertos de textos poéticos e canções brasileiras que tangem o ato de ensinar-aprender. Em sintonia com a linha curatorial do Festival deste ano, o espetáculo nos despertou para um crime que ainda assola o País em pleno 2023: o crime de não ter o direito ao letramento.

Com a palavra, os mestres - Ao longo destes nove dias, ao final de cada apresentação, educadores e educadoras presentes na plateia foram entrevistados (as) para o quadro “Mestres em movimento”, uma iniciativa da coordenação para contribuir com a reflexão sobre o papel da arte no processo de ensino-aprendizagem. Diariamente os vídeos foram postados nos canais oficiais do evento.



O Festival de Dança de Londrina termina, mais uma vez, com números que impressionam. “Foi um ano em que trabalhamos muito duro, duplicamos funções na equipe e negociamos arduamente com os artistas para fazermos acontecer um evento tão aguardado na agenda de Londrina. E um público numeroso, de cerca de seis mil pessoas, respondeu à altura. Tivemos um orçamento três vezes menor que o ano passado, mas em nenhum momento o Festival 2023 deixou a desejar na qualidade e potência dos espetáculos, na mobilização de reflexões de temas importantes para a sociedade, na celebração afetuosa e humana que construímos nesses dias. Isso nos deixa muito felizes, mas também deixa um alerta para se repensar valores de financiamento de eventos de artes cênicas, cuja especificidade da linguagem depende de orçamentos mais expressivos”, salienta Danieli Pereira, coordenadora geral e curadora do Festival.

Além das milhares de pessoas que se acomodaram nos teatros nos últimos dias para apreciar e sentirem arte da melhor qualidade, outras centenas trabalharam duro nos bastidores para tudo ser exibido com perfeição nos palcos. A edição 2023 do evento teve a participação de 125 bailarinos. Entre técnicos e artistas de cena, 231 pessoas atuaram nos 10 espetáculos apresentados, em um esforço conjunto que se repete anualmente, há mais de duas décadas. Que venha 2024, porque como nos lembrou a multiartista Rosane Almeida em sua passagem pelo Festival, em entrevista coletiva, “no final das contas o ser humano gosta mesmo é de tocar, de dançar, de brincar, de falar. É disso que a gente gosta. É nesse lugar que a gente pode estar inteiro”.

# FESTIVAL DE DANÇA LONDRINA

# Cultura perde Nitis Jacon, um dos maiores nomes das artes cênicas do Brasil

<https://www.cultura.pr.gov.br/Noticia/Cultura-perde-Nitis-Jacon-um-dos-maiores-nomes-das-artes-cenicas-do-Brasil>



Morreu na tarde dessa terça-feira (19), aos 88 anos, a ex-diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra Nitis Jacon em Araçongas (Região Metropolitana de Londrina). Nitis foi médica, professora, atriz, diretora, produtora teatral e criadora do FILO (Festival Internacional de Londrina) e ex-vice-reitora da UEL (Universidade Estadual de Londrina).

Nitis Jacon de Araújo Moreira nasceu em 1935, na cidade de Lençóis Paulista, em São Paulo, mas foi em terras paranaenses que ganhou o mundo com sua contribuição inestimável para as Artes Cênicas de nosso estado. Nitis começou sua carreira dirigindo o grupo de teatro Gruta, de Araçongas. Em Londrina, teve participação fundamental na criação do curso de Artes Cênicas da UEL, onde foi diretora do Núcleo 1 e Proteu e atuou como chefe da Divisão de Artes Cênicas da Casa da Cultura da UEL.

Uma de suas maiores contribuições para a cultura paranaense foi a criação do FILO em 1968, que ao longo dos anos aproximou as artes cênicas de Londrina com o Brasil e o mundo. Nitis Jacon foi a responsável direta por trazer grandes nomes da Europa e da América Latina para o Paraná. Eventos paralelos de música do FILO receberam

Ângela Maria e Ney Matogrosso.

Em 2002 tornou-se diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra, onde ficou por três anos. Sua gestão foi marcada pelo programa Paranição, que fez circular por todo o Estado projetos especiais, música, dança e teatro, dando apoio a eventos, realizando oficinas enfim, expressando e fazendo brotar a arte.

Durante sua gestão, em 2004, celebrou os 50 anos do Guairinha com uma catalogação especial de tudo o que ali foi levado ao público e o definiu belamente como “um senhor que guarda a pureza da infância, a curiosidade da juventude e a sabedoria da vida”. Vida dela e do teatro que se entrelaçaram muito antes, quando em 1956 Nitis integrou o grupo de teatro experimental no Guairinha, junto Ari Fontoura, René Dotti e outros nomes expressivos dos palcos e da crítica de arte.

Em 2010, lançou o livro de sua autoria “Memória e Recordação - Festival Internacional de Londrina - 40 anos”, que descreve os fatos pontuais e determinantes da trajetória desse que é um dos maiores eventos de artes cênicas do país. Por aqui, celebramos a vida e a jornada de Nitis, que rendeu ótimos frutos e que serão eternos!

# Agricultor e cineasta autodidata, Josafá Duarte tem trajetória homenageada no Cine Ceará

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/agricultor-e-cineasta-autodidata-josafa-duarte-tem-trajetoria-homenageada-no-cine-ceara-1.3449150>



Cineasta autodidata, militante social e agricultor, o forquilhense Josafá Duarte é um dos homenageados do 33º Cine Ceará

Escrito por João Gabriel Tréz , joao.gabriel@svm.com.br  
09:00 - 30 de Novembro de 2023 Atualizado às 09:08

Cineasta autodidata, militante social e agricultor, Josafá Duarte é agitador de uma intensa produção audiovisual independente e coletiva em Forquilha, a 208 km de Fortaleza. Definindo o cinema produzido na região como “sertanejo” — por ser, “acima de tudo, um forte” — e “instrumento de libertação eleitoral”, o forquilhense será homenageado no 33º Cine Ceará pela atuação de importância artística e política.

A trajetória oficial da produção cinematográfica capitaneada pelo diretor e produtor começou em 2006, com o filme “A história de um galo assado”. Já a simbólica, marcada pela aproximação inicial entre o menino Josafá e o cinema, soma quase 50 anos, como ele lembra em entrevista ao Verso.

## VEJA TAMBÉM

‘Os Maluvidos’, filme infantil feito no Bom Jardim, será exibido no 33º Cine Ceará

Cine Ceará tem recorde de longas cearenses que aponta fortalecimento e pluralidade do audiovisual

Dos encantamentos

Nascido em 1960 em Forquilha, à época ainda distrito

de Sobral, ele se mudou com a família para a sede do município em 1969. “Na minha infância, não tive contato (com arte) porque era difícil. Nos mudamos e lembro que, com 14 anos, eu trabalhava no mercado vendendo fruta e sempre guardava algum dinheiro para assistir filme no Cine Alvorada. Era sagrado. Me encantava”, recupera em entrevista ao Verso.

O verbo “encantar” surge no discurso de Josafá também ao narrar memórias de outra descoberta: os primeiros contatos com movimentos sociais. Estes ocorreram mais tarde, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando ele e a família se mudaram para Fortaleza.

Na Capital, já jovem adulto, rapidamente se envolveu com associações e comunidades. “Comecei a conhecer e ver as questões dos movimentos sociais, fui começando a me encantar com aquilo, a participar das reuniões. Assim, descobri que queria também fazer parte desse movimento, lutar por essas causas sociais”, relembra.

Da atuação em defesa do direito à habitação na Parangaba ao ingresso no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) para lutar pela reforma agrária, Josafá se fundou e firmou como militante social.



Imagem das filmagens de “A velha debaixo da cama”, de Josafá Duarte, produção de 2014

### Início da produção

A união entre as frentes da produção audiovisual e da militância, enfim, se concretizou de fato nos anos 2000, quando voltou a morar em Forquilha. “A questão do cinema foi política”, atesta. “Minha comunidade, o distrito de Salgado dos Mendes, é rural, pequena, muito explorada politicamente. Meu objetivo era tentar mostrar à comunidade como funciona a política”, explica. A intenção inicial foi se firmando e reafirmando ao longo dos anos. De 2006 para cá, são mais de 30 filmes concretizados que abordam, a partir de diferentes formas, o tema central da produção de Josafá. “Meu cinema é voltado para a formação política”, define.

“O cinema popular que eu faço é instrumento de defesa, luta e libertação eleitoral. Luta por habitações, moradias mais dignas, melhorias nas favelas, reforma agrária. Busca libertar a democracia dos currais eleitorais, das ‘monarquias partidárias’ e de grupos familiares que se apossam”, defende, veemente.

### Entre dificuldades e reconhecimentos

Toda a produção, desde o início, é realizada de maneira independente. “Fui pedindo equipamentos emprestados, reuni a comunidade e perguntei se eles queriam fazer um filme. Comecei fazendo”, explica o diretor. Os desafios, ele ressalta, nunca pararam.

“Ainda hoje não tenho equipamentos. Depois de 17

anos continuo fazendo meu cinema, mas sem recursos financeiros e materiais, somente humanos”, reconhece. “A situação é precária, mas a vontade de fazer arte, de transformar a comunidade, é grande”, atesta.

Com o apoio da própria comunidade à parceria com figuras como o cineasta Rosemberg Cariry, a produção forquilhense veio se mantendo — e passando a também ser reconhecida local, nacional e internacionalmente.

Prêmios nos festivais de Jericoacoara e Meruoca; obtenção do título de “capital cearense do cinema popular” para Forquilha por parte do Governo do Estado; exibição de filmes em países como Alemanha e Uruguai; pesquisas acadêmicas pelo Brasil sobre a produção da cidade; e, agora, a homenagem no Cine Ceará.

“É de se chamar atenção. Como diz João Grilo no ‘Auto da Compadecida’: não sei, só sei que foi assim. Tudo isso soma e quer dizer que é o caminho certo e que vale a pena a gente lutar por uma causa justa”, celebra Josafá.

Apesar dos desafios de manter uma produção fora das estruturas e acessos da “indústria” audiovisual, Josafá destaca: “A independência me dá o direito de colocar meus pensamentos em público”.

Até a parte de exibição e distribuição se dá por fora da lógica regular, seja pela disponibilização de filmes no YouTube,

seja pela promoção de exposições públicas das obras na própria casa do diretor ou em espaços das comunidades.

A recepção às obras — e às ideias — de Josafá, inclusive, é um dos motivos de orgulho para o realizador. “No início eu levava o nome de ‘abestado’, ‘doido’. Hoje as pessoas reconheceram que o ‘doido’ tava construindo um caminho, respeitam, valorizam. Isso me fortalece e me dá liberdade de continuar nesse trabalho. Vejo que essa é a minha missão”, compartilha.

“Lutamos não por dinheiro, título ou reconhecimento pessoal, mas por uma causa justa. Começamos essa formação política e continuamos porque nós somos sertanejos e o sertanejo, acima de tudo, é um forte”, define, citando Euclides da Cunha (1866-1909) em “Os Sertões” (1902).

“Quem vier na minha casa vai conhecer uma casa sertaneja. Quem vier na minha comunidade vai conhecer uma comunidade rural. Quem conhecer meus atores vai ver que eles são da comunidade. O cinema popular forquilhense é um cinema sertanejo porque é feito por sertanejos que trabalham, fazem roça, plantam milho e feijão, pescam, caçam. É por isso que ele resiste até agora”, sustenta.

Assista a filmes

Onde: no YouTube

Homenagem a Josafá Duarte no 33º Cine Ceará

Quando: quinta (30), às 19h30min

Onde: Cineteatro São Luiz (rua Major Facundo, 500, Centro)

Entrada gratuita, seguida de exposições de filmes nas mostras Brasileira de Curta-metragem e Ibero-americana de Longa-metragem

33º Cine Ceará - Festival Ibero-americano de Cinema

Quando: até 1º de dezembro

Onde: Cineteatro São Luiz (rua Major Facundo, 500, Centro) e Cinema do Dragão (rua Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema)

Entrada gratuita; para sessões no Cineteatro, até dois ingressos por pessoa serão disponibilizados na plataforma Sympla a partir de 12h do dia que antecede a sessão; para sessões no Cinema do Dragão, os ingressos serão disponibilizados na bilheteria a partir de 13 horas, uma hora antes do início de cada sessão

Mais informações: no site, Instagram e Facebook



Cena do longa “De olhos vendados”, de Josafá Duarte, obra lançada em 2015 e produzida em Forquilha

Foto: Cinecordel / reprodução



# Aeroporto exibe escultura realista em bronze de passageiro cansado sentado no chão do terminal

<https://aeroin.net/aeroporto-exibe-escultura-realista-em-cera-de-passageiro-cansado-sentado-no-chao-do-terminal/>



Quem passa pelo terminal do aeroporto de Orlando pode se deparar com uma figura insólita de uma escultura em cera que retrata um passageiro cansado, sentado no chão do terminal. Intitulada *The Traveler*, a escultura hiper-realista foi criada pelo artista americano Duane Hanson.

A obra é feita de bronze policromado em óleo. A escultura retrata um indivíduo cansado e desgredado, transmitindo com grande realismo a sensação de exaustão após uma viagem. Se não fosse pela proteção de vidro que a envolve, seria fácil confundir a escultura com uma pessoa real.

O Aeroporto Internacional de Orlando é proprietário do *The Traveller* desde 1986, onde ele pode ser encontrado no saguão do Terminal A entre os pontos de segurança Leste e Oeste.

Essa é uma das duas representações de um viajante adormecido criadas pelo artista, que faleceu em 1996. A segunda escultura é um pouco menos adequada para um aeroporto, pois o indivíduo não usa nada por baixo de sua camisa aberta.

A obra é uma representação vívida da fadiga e do cansaço experimentados pelos viajantes após longas jornadas.

# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Caderno de  
*Literatura*

#27



# A literatura e a filosofia sobreviverão em tempos pós pós-modernos?

<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/a-literatura-e-a-filosofia-sobreviverao-em-tempos-pos-pos-modernos-559825/>

Carlos Russo Jr.

Eis uma interrogação que hoje todos devemos nos fazer. No século XXI, o das redes sociais, dos selfs que deslocaram o outro, da “inteligência artificial”, ainda haverá lugar para a literatura e a filosofia? Que funções já cumpriram e que configuração cultural aguardam as gerações dos anos 2000? Acontece que a literatura e a filosofia chegam cada

qual a um entendimento do mundo e dos humanos recorrendo a meios diferentes, na justa medida em que tanto a racionalidade quanto a sensualidade eram caminhos necessários para a compreensão dos mesmos. A literatura, por seu lado, pode instigar nas pessoas uma reflexão profunda revelando tanto o estranhamento do mundo quanto a ansiedade, na busca e na perda de rumo na vida, manifestando detalhes e minúcias da natureza humana.



Pintura de Mathias Stomer

Logicamente, a literatura tem a propensão a inquietar e despertar, sendo muito superior a qualquer coisa que a análise semântica pós-moderna e os jogos de palavras possam oferecer.

Por outro lado, a filosofia apoia-se na especulação metafísica racional para interpretar e tentar questionar o homem e o mundo. Logo, a civilização, até a era do pós-modernismo, criou dois tipos básicos de pensadores: um deles é o filósofo, que

se apoia na especulação, o outro é o autor literário, que se vale de imagens.

Desde a Grécia Antiga, cada qual recorreu a métodos diferentes para proporcionar às gerações futuras o conhecimento a respeito da situação existencial humana, seus dilemas e a própria natureza humana. E ao mesmo tempo, propiciaram meios de tornarem as dificuldades existenciais “mais leves”. Como já dizia Aristóteles, através da “mimesis”, da imitação da vida.

## A sociedade líquida

A ideia de uma “sociedade líquida” deve-se, como todos sabem, a Zygmunt Bauman. Ela começou

a se delinear com a corrente de pensar dita pós-moderna, um termo guarda-chuva que percorre os mais diversos fenômenos sociais, dentre os quais a filosofia e a literatura.



Outro pensador, Bordini, já classifica o pós-modernismo como um movimento de caráter temporário, pelo qual passamos quase sem perceber e que um dia será estudado como um tipo de pré-romantismo. O pós-moderno seria, então, uma espécie de balsa que nos levou da modernidade a um presente sem nome, líquido na essência.

Hoje, a maré deste pensamento pós-moderno surge num crescendo e, diante desta vertiginosa época de empobrecimento espiritual, o que resta às pessoas sensíveis?

Elas devem buscar seguir buscando inspiração tanto na literatura quanto na relação das pessoas com suas comunidades, naquilo que conhecemos sobre o nome de política.

Um dos maiores riscos do pós-modernismo está no surgimento do populismo de caracteres trocados. Pessoas de boa índole afastam-se da política. A ralé psíquica ocupa quase todos os espaços.

Afinal, que rumo a humanidade está seguindo?

Serão os seres humanos capazes de preverem o futuro, será que um novo conjunto de utopias poderá ser, afinal, estabelecido? Ou o destino da humanidade é distópico?

Seja qual for a resposta, a literatura pode sem dúvida proporcionar até certo ponto um relato da sociedade na qual as pessoas se veem envolvidas hoje, embora não consigamos mais “nos afogar na orgia literária”, como se propunha Flaubert no século XIX.

Teremos de uma forma ou de outra de recorrer ao raciocínio metafísico, à filosofia e à relação comunitária, isto é, à política.

É claro que a literatura não se resume a replicar a realidade.

A literatura clássica anglo-americana, o realismo e o naturalismo europeus foram grandes correntes literárias, e desde meados do século XIX até o início do século XX. Os escritos modernistas do século XX se voltaram para o inconsciente, abrindo um novo e incrível universo literário.



Pintura de Seymour Joseph Guy

Na atualidade contemporânea, entretanto, a racionalidade já não consegue oferecer respostas para o absurdo da “sociedade líquida”, nem para as questões relacionadas ao significado da existência.

A própria filosofia afasta-se de seus temas tradicionais e tende a se encolher.

Uma crise no conceito de comunidade de cidadãos, de onde emergiu um individualismo desenfreado, onde ninguém é mais companheiro de ninguém, mas seu adversário. Com a crise do Estado e dos partidos políticos o indivíduo foi levado também à perda de qualquer apelo a uma comunidade de valores onde pudesse se abrigar.

Nesse ponto cabe a pergunta: será que a literatura ainda é capaz de refletir a realidade social?

Nossa resposta é um profundo sim.

A centralidade da literatura e a filosofia numa perspectiva utópica.

Trata-se de uma questão de libertar-se da estrutura conceitual e dos dogmas, afastar a pregação do politicamente correto sem tropeçar no negativismo, tentar um retorno às tradições mais significativa

dos povos, retornar às percepções genuínas do autor e narrar com a voz firme e independente do indivíduo. Mesmo que essa voz seja extremamente fraca ou que desagrade ao ouvinte, trata-se de uma voz verdadeira, e isso tem valor enquanto literatura, pois a literatura é a afirmação que um homem faz de sua própria existência.

É claro ser relevante que o autor tenha de fato pensamentos próprios a expor, e que não se limite a meramente repetir afirmações amplamente difundidas pelas autoridades e pela mídia.

A independência espiritual do indivíduo foi e é a própria substância da literatura, e responde pela independência e autonomia da mesma.

A literatura, de toda maneira, é o despertar da consciência do indivíduo no sentido de que o autor se arma com esse conhecimento intuitivo quando observa o mundo humano e analisa a si próprio. Ele infunde seu entendimento lúcido em sua obra. E o entendimento único de um indivíduo em relação ao mundo é inegavelmente o desafio que a existência da entidade individual faz ao seu ambiente existencial. Portanto, o entendimento conquistado numa obra literária sempre traz a marca do autor individual.

É precisamente cada uma dessas histórias individuais que faz da literatura algo interessantíssimo e insubstituível.

Enquanto a especulação da filosofia se apoia no abstrato, a literatura promove um retorno à vida, às percepções das pessoas vivas e às emoções. Em outras palavras, a literatura começa em lugares que são inalcançáveis para a filosofia, e o tipo de entendimento proporcionado por aquela não pode ser substituído por esta.

Quando a filosofia clássica se imbuíu de conceitos e racionalidade para construir um sistema de especulação, que proporcionasse ao mundo um exemplo perfeito, tudo aquilo que não pôde ser racionalmente explicado foi deixado nas mãos de Deus.

E, afinal, Zarathustra de Nietzsche, ao descer de sua montanha, nos alvares do século XX, anunciou tardiamente a morte de Deus.

Entretanto, não há limites para aquilo que a literatura pode dizer, e ela não se apressa em se propor a definir certa visão de mundo. Ademais, sempre mantém a mente aberta e preenche a consciência das pessoas com pensamentos e emoções.

Cada autor apresenta uma visão única, mas ele não usa essa visão única para substituir os demais autores. Não é como na filosofia, na qual a crítica é a premissa para o estabelecimento de uma teoria que, com frequência, é promovida como única verdade correta e definitiva.

Apesar de a filosofia “pós-moderna” defender a ambiguidade e até a eliminação do sentido, ela é, independentemente disso, estabelecida com base na premissa da morte de todas as filosofias predecessoras.

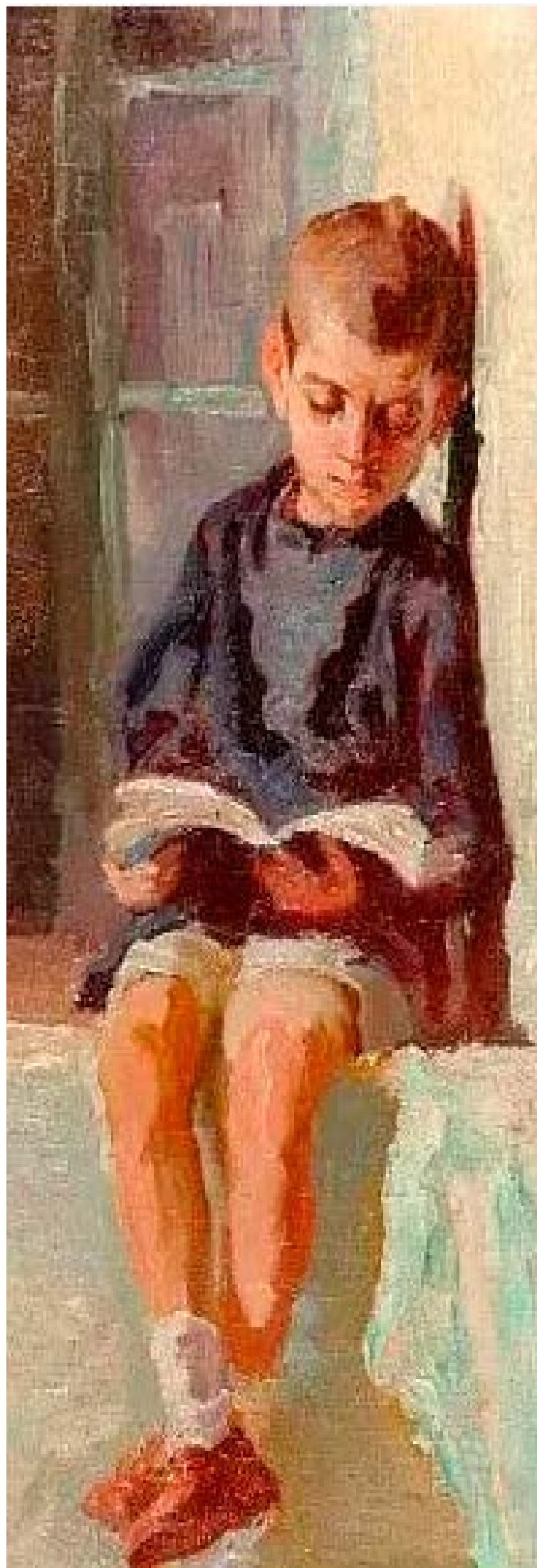
O raciocínio filosófico em tempos de sociedade líquida sabe que todos os movimentos sociais, cada um a seu modo, sabem o que não querem, mas não o que eles querem. A própria sociedade vive um processo contínuo de precarização.

Existe um modo de sobreviver à liquidez? O primeiro passo é reconhecermos que vivemos em uma sociedade líquida que, para ser compreendida e, talvez, superada, exige instrumentos que necessitam ser ainda descobertos. Não os temos à mão. Isto não significa que jamais os teremos.

O mesmo não se dá com a literatura que nem exclui e nem abre para si mesmo um caminho por meio da crítica; em vez disso, o que ocorre é que cada pessoa apresenta seu próprio discurso, coisa que possibilita uma variedade infinita.

Nisto a literatura se superará a na sociedade líquida e manterá sua vitalidade.

Carlos Russo é escritor e crítico literário.



# Os 20 anos da grande obra de Conceição Evaristo



Ponciá Vicêncio desbravou mercado editorial restrito pelo racismo, e tocou em profundidade as dores herdadas da escravidão. “Nem eu estava pronta para Ponciá”, revela a autora, que diz ter aprendido a amá-la com suas leitoras e leitores



Por Eliana Alves Cruz para o Suplemento Pernambuco | Imagem: Laura Morgado sobre fotos de Alfred Stieglitz (Wikimedia Commons) e de Marc Ferrez (Acervo Instituto Moreira Salles)

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-20-anos-do-grande-romance-de-conceicao-evaristo/>

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorá multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas dos rios.

Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio



O romance Ponciá Vicêncio está completando duas décadas neste ano de 2023. São vinte anos em que a saga da personagem que dá nome ao livro e de sua família está nas prateleiras das livrarias como destaque, a princípio pela editora mineira Mazza e depois pela carioca Pallas, junto com sua autora e hoje estrela da literatura nacional, Conceição Evaristo.

Na cultura popular, vinte anos de casamento são bodas de porcelana e não há imagem mais perfeita para falar destes anos em que o primeiro romance publicado de Conceição atou laços com o mercado editorial. A princípio, núpcias bancadas com recursos próprios da autora e incentivadas pela professora Maria José Somelarte Barbosa. A porcelana, esta matéria delicada, requintada e bela, porém exigente do cuidado de quem sabe do seu valor para tocá-la, pois do contrário há o risco de que se danifique irremediavelmente. Ponciá Vicêncio, seu clã, seu universo, as relações de opressão e de exclusão óbvias, mas, principalmente, as sutilezas e subjetividades que a prosa poética de Conceição Evaristo traz, falam da musculatura robusta da estória e da força típica das obras que se tornam clássicas, posto que tocam pontos que calam fundo na complexidade humana.

As relações de opressão estão em aspectos essenciais da sociedade na qual o romance está assentado, que ainda é atravessada por noções pouco sólidas de democracia, diversidade e liberdade (seja ela física ou de expressão). Um mundo que de 2003 a 2023 ainda não conseguiu construir unanimidade sobre os malefícios da escravização e da colonização, em especial num país que reluta em admitir que “sangue e garapa podiam ser um líquido só”. O Brasil dos Vicêncios estava muito próximo do pós-abolição, mas o espanto é que aqui, no século XXI e na distância de 2003 ou de 2023 ainda não estejamos muito longe dele.

Há muito o que dizer sobre o livro em si, mas também sobre sua criação e o processo que ele detonou, pois a autoria literária, a academia, o público leitor e o próprio país sofreram transformações significativas desde a estreia de Conceição Evaristo em seu livro solo. Uma trajetória que exemplifica o Brasil que caminha, mas permanece com pés fincados em alguns passados cuidadosamente cultivados, feitos de concreto e não de porcelana.

Não fosse desta maneira, esta não seria uma nação em que as estatísticas descortinam desigualdades abissais e contradições, avanços e retrocessos que caminham em paralelas, mas vez por outra desviam para encruzilhadas. Um lugar onde o fluxo da memória vai e vem não pelos motivos estéticos que norteiam a escolha narrativa de Conceição ao contar a saga da vida de Ponciá em flashbacks, mas por conveniências de manutenção de privilégios, conformidades políticas e históricas.

“Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. [...] Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela.”

Ponciá desembarcou na estação da cidade grande vinda do

interior ainda tão escravocrata, nas páginas de um romance ido às prateleiras no mesmo ano em que pela primeira vez as universidades públicas – a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – adotavam cotas para estudantes negros e negras.

Este marco histórico ajudou a fazer da trajetória sofrida da moça negra e acanhada do interior uma jornada impressionante, que deu à Editora Pallas, até o momento da escrita deste texto, a venda de 121.928 exemplares. São mais de 6 mil livros vendidos por ano de publicação.

Os números de vendagem são altos para os padrões brasileiros ainda hoje, quanto mais no início da primeira década do século XXI, com todas as resistências que o mercado e a crítica à época ainda nutriam por autoras como Conceição Evaristo, fruto do Movimento Negro Unificado e do ativismo literário encabeçado pela coletânea Cadernos Negros, do Quilombhoje. Movimentos que buscaram driblar a sensação sentida por Ponciá enquanto apertava a trouxa contra o peito no vagão do trem: a solidão e a invisibilidade.

As cotas não mudariam apenas a cara da universidade brasileira, antes quase que unicamente branca, mas também o foco de seus conteúdos. A massa de jovens que finalmente conseguia galgar o degrau das instituições de Ensino Superior, não se contentou em se sentar passivamente em seus bancos e ocupar suas salas. Estes novos integrantes demandaram da academia, sobretudo, conteúdo que contemplasse com profundidade os saberes produzidos por pessoas negras. Um embate travado em um dia a dia quase sempre tenso e, em grande medida adoecido, para estudantes que precisaram “dar o nó no pingo d’água” para resistir à evasão.

Estes tensionamentos (e questionamentos) seguem contemporâneos no ambiente acadêmico. No entanto, observa-se um momento mais avançado nos debates, e isso se deve não unicamente, mas também ao fato de Ponciá ter chegado trazendo com ela outras personagens da própria Conceição Evaristo e de escritoras e escritores que hoje povoam um universo menos unilateral, ainda que falte uma estrada grande para uma real representatividade nas referências nas diversas áreas do conhecimento.

Não é nada sobre nós. É tudo sobre nós  
O conceito de escrevivência foi cunhado por Conceição Evaristo em 1995, ou seja, quase uma década antes da publicação de seu primeiro romance. Não era recente sua fala e, menos ainda, a sua convicção sobre uma escrita nascida de sua própria vida ou de outras que ela observa em seus cotidianos silenciosos, silenciados e invisibilizados.

Na introdução da edição de 2017 de Ponciá Vicêncio, Conceição revela que precisou ser conquistada pela personagem que tanto causa emoção em grande parte das leitoras e leitores. Nem sempre ela gostou de Ponciá, mas foi capturada pela menina-mulher que tinha medo do arco-íris quando, relendo o que havia escrito, reviveu o penoso caminho que percorreu para criá-lo e o tanto de lágrimas suas que estavam no rosto de Ponciá, apesar de suas estórias de vida diferenciadas.

A longa jornada da criadora do clã dos Vicêncios em movimentos sociais forjou a ideia de uma experiência coletiva que está toda inclusa nas individualidades. A escrevivência de Conceição lançou bases para que trajetórias pouco vistas começassem a sair dos cantos a elas impostos arbitrariamente e embarcaram com Ponciá no trem rumo a outras paisagens, uma multidão ansiosa por protagonizar a própria história. Passou a ser urgente a fabulação de vidas que estiveram fora da prioridade da considerada elite intelectual, no entanto, não apenas isto.

Apesar de Carolina Maria de Jesus ser a escritora que mais vendeu livros na história do país, ela havia falecido há 26 anos e não estava no “radar” das novas gerações como finalmente voltou a figurar nos 20 anos que se seguiram. Era chegada a hora de mexer no marasmo das autorias, trazendo com mais força para a cena literária, holofotes midiáticos, premiações e referências acadêmicas aqueles e aquelas que sempre estiveram produzindo literatura, mas, assim como os personagens negros, negras e indígenas fictícios, costumavam caminhar na margem do mundo da imaginação em letras e do chamado “idioma culto”. Um setor submerso por completo na mesma lógica que norteava o restante da sociedade: a da branquitude como paradigma e validação.

Ainda na introdução do livro, a própria Conceição resumiu os percalços da caminhada observando que a autoria feminina é uma afirmação diante da massiva presença de escritores homens, mas sublinhando o sentido político redobrado na escrita de mulheres negras, que além dos desafios para escrever ainda enfrentam obstáculos inúmeros para chegar à publicação, pois estas barreiras não estão apenas no fato de serem desconhecidas ou inéditas. Não estão apenas na questão de gênero, pois, para além destes fatores, há o pertencimento étnico e social.

“A vida era um tempo misturado do antes-a-gora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.”

A professora, dramaturga e ensaísta Leda Maria Martins, na obra *Performances do tempo espiralar*, fala sobre outra lógica de observação da passagem das horas. Um tempo que não caminha em linha reta, mas que vai e volta tendo a ancestralidade como referência e o corpo como inscrição.

Esta memória que avança e retrocede é a forma como a estória de Ponciá é contada. Uma linha sinuosa como a imagem da cobra que perpassa todo o texto e que tem no arco-íris um de seus símbolos mais fortes. Um tempo que aparenta estar estagnado em passagens relatando o cotidiano moroso e repetitivo dos Vicêncios e que é extremamente violento em sua imobilidade.

O universo, por assim dizer, “vicenciano”, traz corpos negros imersos em passado dilacerante em um grau tão alto, que se materializa na perda da sanidade do avô, que mata a esposa, se mutila e tenta matar os filhos para que não sejam escravizados; na terra que pouco lhes dá, mas que tudo lhes retira; e no alheamento da protagonista que gera outras e mais outras brutalidades sutis e explícitas.

Ponciá Vicêncio inaugura uma marca muito poderosa de sua autora, que é a descrição de existências marcadas de forma indelével pela dor extrema, mas de maneira que não torna a exposição dessas mazelas um recurso apelativo nem estimula uma espécie de fetiche por estas fraturas expostas. O lirismo como recurso e aliado.

O livro é um passeio na prosa poética capaz de fazer quem lê vestir a “roupa” de Ponciá no trem que a leva para a cidade e traz de volta para o interior, no barraco que divide com o companheiro ou na cidade fria e impossibilitada de enxergá-la em sua humanidade.

Esta honestidade em contar a vida da menina que tinha medo de passar embaixo do arco-íris, mas que vai esvaziando-se de inocência face à realidade pesada, se revela em passagens doloridas ao extremo, porém cheias de uma linguagem que não recorre ao lugar-comum. O idioma criteriosamente trabalhado em cada elemento, cada palavra para dar não apenas à personagem principal, mas também ao seu companheiro, sua mãe, avô, irmão, pai etc. as camadas que constituem todo e qualquer ser humano. Assim como Ponciá e sua mãe moldam o barro, a autora molda o texto.

O capricho de Conceição Evaristo com o uso da língua remete a outra escritora de referência: Carolina Maria de Jesus. Salta aos olhos na leitura de *Quarto de despejo* o amor da autora pelas palavras, apesar das marcas advindas de sua pouca escolaridade, para falar de uma realidade que conhecia muitíssimo bem. Conceição, ao contrário, é professora doutora, mas, assim como Carolina, escolhe criteriosamente os vocábulos para dar as cores exatas (nem mais e nem menos) às suas escrevivências, pois, para além de histórias próprias, elas significam uma experiência ampla de estar no mundo.

“Bom mesmo que os filhos [de Ponciá] tivessem nascido mortos, pois assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.”

Ao longo de 20 anos de leituras, resenhas e análises, o romance tem registros diversos de impressões. No entanto, não é raro ver que ele causa certo incômodo e desassossego. A própria Conceição Evaristo, como já comentado, relata que nem sempre gostou de Ponciá, que ela não foi “amor à primeira vista”. A autora adicionou uma dose a mais de beleza à história do livro ao revelar que Ponciá chegou verdadeiramente ao seu coração conduzida pelo amor que despertava em quem a lia. Uma relação que foi se aprofundando e se descortinando com a ajuda das opiniões soberanas de críticos, críticas, leitores e leitoras. Olhos treinados ou não, preparados ou não. No entanto... qual é mesmo o desconforto que os Vicêncios despertam?

Na verdade, ao que parece, ninguém estava, em 2003, preparado para Ponciá. Talvez nem mesmo sua criadora. Ninguém estava prevenido para a sensação de ciclos inquebrantáveis que ela desperta porque, nestes tempos contemporâneos, estamos soterrados por narrativas midiáticas que empurram todos e todas para o discurso motivacional, de superação, meritocrático, falsamente esperançoso e fomentador de expectativas que jamais serão alcançadas sem que oportunidades sejam criadas.

A areia movediça em que Ponciá se vê presa é em larga medida ligada à nossa, ainda que não estejamos nesta mesma realidade social tão precária. Falando especificamente de pessoas negras no Brasil, se não somos nós caminhando com os pés de Ponciá, foi alguém em nossas vidas ou em nosso passado recentíssimo. Encarar esta face nas páginas poucas, porém densas, do livro requer uma energia extra, e é esta sucção que nos causa um “mal-estar”, um “não sei o quê” que testemunha a densidade desta História assim mesmo, com “h” maiúsculo.

### Heranças

“O que há num nome?”, perguntou William Shakespeare. Caso Ponciá não fosse uma Vicêncio, seria ela o quê? Qual o passado que seu sobrenome contaria? A quem ela remeteria se carregasse desde o nascimento uma marca de real pertencimento? Sua personalidade, seus sentimentos, seu destino, enfim... seria ela outra?

A partir daqui a autora deste texto assume a primeira pessoa do singular. O pronome “eu” sai de seu esconderijo do discurso indireto porque é sobre nome e sobrenome a discussão mais forte do livro Ponciá Vicêncio. A herança mais pesada que a família negra carrega.

Muita reflexão fiz após este trecho: “Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens”.

A consciência de que nossos sobrenomes carregavam a contradição de falarem muito sobre nós e ao mesmo tempo pouco dizerem, me levaram a uma busca frenética por este nome negado. Uma experiência que culminou no livro que ficcionaliza a minha própria história familiar, Água de Barrela, e que nasceu do mesmo incômodo e vontade da protagonista de Conceição.

Toda a trajetória de Ponciá é, ao fim e ao cabo, uma busca visceral pelas rédeas da própria vida. Uma viagem à sua essência pelo entendimento de sua história para encontrar-se. É neste ponto que eu e ela nos reconhecemos e nos damos às mãos. Nesta encruzilhada dura e difícil das que descendem da retirada de humanidade pela supressão do direito ao próprio nome.

Ponciá se atira voluntariamente no mundo desconhecido embarcada em um trem, carregando apenas o próprio corpo, a fome e suas angústias. Mesma bagagem dos escravizados que originaram os Vicêncios negros e que deram riqueza aos Vicêncios brancos. No sobrenome grita um personagem importante, que aparece apenas por menções, mas que permeia todo o romance. Um personagem definidor daquelas vidas e também das nossas, pois atrás do sobrenome Vicêncio está o colonizador e escravizador. No campo, um coronel; na cidade, uma rede desenhada para oprimir.

A força da metáfora do sobrenome no livro carrega consigo a marca da dominação por várias gerações. A retirada do nome é apagamento da ancestralidade familiar e também marca de posse, como se as vidas fossem bens como terra, sobrado, gado. O clima de liberdade ilusória causado pela assinatura da Lei Áurea não livrou os braços daquela família das enxadas da lavoura do coronel Vicêncio e do “favor” de estarem residindo em seu território.

Ponciá e seu irmão Luandi chegam à cidade “fugidos” de uma permanência quase que literal no sistema escravocrata. Eles estão em busca da liberdade real, mas dão de cara com um sistema inteiro que substitui o coronel na tarefa de mantê-los subalternos e sub-humanos.

Os sete abortos, o casamento infeliz, a miséria, a violência doméstica. Tudo na vida de Ponciá apontava para a desesperança mais profunda, como na passagem em que o narrador diz: “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio”.

Luandi quer ser soldado acreditando que alcançará a tão sonhada liberdade – e com ela a autoridade, respeitabilidade, cidadania e humanidade – quando obtiver a “voz de mando”. Ele se vê diante de outra ilusão, pois quando finalmente consegue o que quer, se vê submisso a outras “vozes de mando” mais altas e poderosas.

A personagem Bilisa, namorada de Luandi, personifica toda a hipersexualização de mulheres negras – quando ela, também vinda do interior à procura de vida melhor para si e sua família, se vê no trabalho doméstico e no lugar de objeto sexual do filho do patrão e depois prostituta que tem quase todo o dinheiro retido pela cafetina e o segurança.

As frustrações inúmeras enfileiradas pelos personagens de Ponciá Vicêncio vão criando uma atmosfera sufocante de beco sem saída, de impossibilidade de mudança. Este ar rarefeito me levou do incômodo ao espanto, das lágrimas à ternura e do estranhamento à identificação com Ponciá.

Conceição criou há duas décadas um romance sobre o qual não se fica indiferente e, principalmente, uma história sofisticada que metaforiza coisas grandes e profundas da sociedade brasileira. O sucesso do livro reside nisto tudo, mas também no fato de que suas páginas não se conformam em denunciar o indefensável. Elas apontam caminhos.

“Pouco a pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num

mundo só dela onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta.”

Primeiro Ponciá se refugiou dentro de si. Quando ergueu um muro que não deixava que vissem o que ia dentro dela, a personagem nos disse que há uma vida interior que não precisa (e, em determinadas circunstâncias não pode) ser vista por ninguém. O seu mundo particular é suficientemente atribulado e “povoado”. Este recurso, o de mergulhar em nós mesmas, é conhecido expediente de sobrevivência de mulheres negras por séculos. É preciso criar uma couraça para lidar com tanto peso e hostilidade. Este alheamento conduz a uma solidão mais funda do que o fato de estar só. É uma solidão que se dá mesmo em meio a muitas companhias. A saída apontada para este isolamento autoimposto, conscientemente ou não, é mais um apontamento brilhante na criação de Conceição: o retorno ao começo.

O arco-íris do qual a menina Ponciá tinha tanto medo, pois poderia transformá-la em menino, e o barro, matéria-prima manipulada pela família e por ela própria, são das imagens mais bonitas usadas na obra, pois são o elo com a ancestralidade e o pertencimento de grupo.

A imagem do arco-íris que abre o livro remete imediatamente a Oxumarê, orixá importante em religiões

de origem iorubá, ou ao inquite Angorô da cultura banto. Entre os muitos significados desta entidade, uma é o de retorno, de ciclos que voltam ao ponto de partida. O Oxumarê nos leva aos círculos de vida e aos da escolha narrativa do livro Ponciá Vicêncio. É o tempo, a serpente que devora a própria cauda, a memória. Oxumarê é, na mitologia, filho de Nanã, a dona da lama que existe no fundo dos lagos, a matéria-prima tão cara à família Vicêncio.

Ponciá renasce muitas vezes ao longo da história em um movimento que leva à representação de Oxumarê presente no início e no fim da sua trajetória. Assim como se reconstrói como quem molda a lama. No final, ela fecha o ciclo se unindo ao barro e ao arco-íris. O cumprimento da herança de Ponciá aponta que é ficando raízes que conseguimos voar.

Quando está na favela, saudosa da terra, ela toma a decisão de retornar à sua cidade natal, e quando reencontra a família na estação de trem, se reencontra consigo e acha a paz que a sua aflita solidão ensimesmada não lhe permitia sentir, afinal, “Ponciá precisava apenas de viver os seus mistérios, cumprir o seu destino”.



# Mesmo céu, mesmo CEP – a literatura das bordas



O escritor Ferréz, autor de “Capão Pecado”

Marginal, dissidente, literarrua, poesia das ruas. As muitas denominações conotam sentimentos emergentes, que não se enquadram nos critérios canônicos. Suas duas grandes linhas, periférica e hip hop, com visões opostas dos arrabaldes

A reflexão que expus no artigo anterior no qual fiz uma análise do Livro Torto Arado, de Itamar Vieira Jr, à luz da literatura periférica suscitou um interesse de leitores em compreender melhor os critérios que definem uma escrita da periferia. Sem ser pretensioso, escrevo aqui um texto mais teórico que, espero, pode elucidar melhor os parâmetros por meio dos quais defino literatura periférica e os marcos teóricos que orientam minha abordagem.

Experiências estéticas de uma literatura emergente

A literatura produzida na periferia paulistana desde o ano 2000 expressa-se como uma ideia coletiva compartilhada por um significativo grupo de autores e autoras. Trata-se de um movimento baseado em práticas literárias vivenciadas em espaços culturais de bairros periféricos não só da Capital, mas da Região Metropolitana de São Paulo. Dessa forma, entendo que seja um fenômeno que se manifesta no contexto da cultura popular urbana, isto é, de um movimento amplo de manifestações simbólicas vinculadas às classes populares dos centros urbanos.

Dito isso, tal produção literária não pode ser vista como um movimento vinculado à tradição da literatura brasileira, pelo menos enquanto está em pleno processo. Entendida como uma cultura emergente, nos termos em que propõe Raymond Williams [1], a literatura periférica paulistana requer, enquanto objeto de investigação, uma abordagem analítica que dê conta da sua vitalidade cultural e artística, sem os imperativos das classificações dominantes que consagram as criações por um critério valorativo de qualidade estética. Na tradição da crítica literária brasileira, mesmo de esquerda, isso corresponde aos parâmetros do cânone. A fim de desatar esse nó é que analiso a escrita periférica como um movimento de práticas literárias e não um movimento literário, definição que traria no seu bojo um desejo de inserção numa tradição estabelecida.

Sendo assim, “experiências estéticas de uma

literatura emergente” é uma forma cuidadosa de abordar o tema. A prudência, porém, não impede de afirmar a existência de uma literatura própria da periferia, mas esta é ainda uma instância que só identifico em um plano material específico, num dado contexto social como já foi dito, não uma generalização estabelecida consensualmente.

Entre as linguagens artísticas, a literatura é a que mais oferece condições de apreciação das estéticas das periferias, dada a vasta produção existente [2]. Há inclusive a configuração de um campo de disputa. Essa literatura tem diferentes denominações: periférica, marginal, dissidente, literarrua, literatura hip hop, poesia das ruas. Acredito que a existência dessa diversidade de nomenclaturas se deve às diferentes concepções estéticas internas ao fenômeno.

Esse mosaico de referências tem outras denominações se olharmos nomes de grupos culturais, títulos de obras artísticas e nomes de coletivos: Perifatividade, Periafricania, Cooperifa, Periatitude, Marginalhiaria, Fundão, Da Quebrada, Grajauex e muitos outros. Toda essa abundância de significações é representativa das formas artísticas que são produzidas e que acabam por identificar a periferia paulistana. A partir daí entendo que a identificação de estéticas próprias das periferias contribua para que a arte periférica seja reconhecida também por sua relevância artística e não só por uma dimensão ética, reduzindo-a somente a sua conotação social cidadã, na medida em que promove escritores e escritoras que estão nos setores excluídos da sociedade.

A cultura periférica e por consequência a literatura periférica são, portanto, denominações recentes que estão em pleno processo de construção, cercadas de imprecisões, porém reveladoras de uma força simbólica que lhe confere uma notável singularidade.



O poeta Sérgio Vaz, coordenador da Cooperifa

## Estrutura de sentimento como recurso analítico

A condição emergente da cultura de periferia não a impede de exercer pressões e fixar limites efetivos à experiência e à ação, enquanto não tem uma classificação que a defina com mais precisão. Essa pressão se dá, a meu ver, no primado da elaboração estética dada a sua possibilidade de expressão múltipla, daí a profusão de termos que cercam a cultura de periferia, diversos, porém agregados em algumas estruturas de sentimento.

É necessário ressaltar que estrutura de sentimento é menos um conceito amplo que define objetos e mais um recurso interpretativo, uma hipótese cultural, como define seu autor, o sociólogo britânico, Raymond Williams [3].

Esse recurso analítico abre uma perspectiva de

solução para o problema teórico abordado no início desse artigo que é a falta de parâmetros estético-teóricos que deem um tratamento digno à produção literária da periferia, sem que esta seja analisada na comparação com a literatura canônica ou outras formações dominantes.

Williams entende “sentimento” como um termo que vai além dos conceitos de “visão de mundo” ou “ideologia”, que são crenças formais e sistemáticas. Sem recusá-las, apregoa que “sentimento” pode alcançar significados e valores “tal como são vividos e sentidos ativamente e a relação entre eles e as crenças formais” [4]. Em outras palavras, o sentimento como é pensado e o pensamento como é sentido. Já a “estrutura” é entendida como série, conjunto de relações internas específicas, fluente e

tensa ao mesmo tempo.

A cultura periférica, entendida como um movimento emergente que, portanto, está “em busca de novas formas ou adaptações das formas” [5] e que está por isso em pleno processo tencionando as formas vigentes (residuais ou dominantes), é também um movimento em articulação e com baixa institucionalidade, embora incidam sobre essa cultura agentes de elevada institucionalização, como órgãos governamentais (por meio de políticas públicas e editais), instituições culturais privadas (SESC, Itaú Cultural, ONGs), mídia, corporações da indústria cultural (editoras, gravadoras).

Essa ambiguidade é explicada por Williams em função da impossibilidade de abordar o emergente fora das relações estabelecidas no processo cultural. Suas definições, portanto, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante. Ou seja, a abordagem deve levar em consideração toda a complexidade do objeto, suas contradições e elementos fundamentais que definem suas estruturas de sentimento.

#### Literatura Periférica e Literatura Hip Hop

Ao estudar a literatura produzida nas periferias paulistanas, especialmente no período de 2000 a 2012, procurei observar as estruturas de sentimento contidas nos textos. Nesse exercício cheguei na classificação que faço das vertentes da Literatura Hip Hop e da Literatura Periférica [6].

A primeira corresponde à fase inicial do movimento que vai de 2000 a 2005 e tem nos autores Ferréz, Sacolinha e Alessandro Buzo, nomes de referência e que já foram abordados em artigos anteriores nesta Coluna. Todos eles autores de prosa, incluindo romances, gênero até os dias de hoje com reduzida produção nas periferias. Já a Literatura Periférica é a vertente da poesia dos saraus, encontros que surgiram também na alvorada do século XXI e que se expandiram na virada dos anos 2010 ganhando novo fôlego mais recentemente com os Slams. A Literatura Periférica tem no poeta Sergio Vaz o autor mais influente, cuja obra também já foi analisada por mim aqui nesse espaço.

A vertente Hip Hop se expressa numa visão demasiadamente negativa em relação à coletividade da qual fazem parte seus autores. Há uma constante subestimação do povo, apresentado em particular na obra Capão Pecado,

como fofoqueiro, alcagueta, que se regozija do sofrimento alheio. Um povo alienado que só quer saber de novela e futebol. Especialmente as mulheres são tratadas com machismo e desprezo. Tal visão é muito disseminada no RAP dos anos 1990, especialmente dos Racionais MC's, várias vezes citados nos intertextos desta e de outras obras.

A produção musical deste grupo também consagrou a expressão “Zé Povinho” [7] que seria o povo que tem inveja do sucesso dos que venceram, como é dito, entre outros, no RAP Negro Drama. Visto dessa forma, o povo, para esses autores, carece de evolução e não de emancipação. Essa evolução se daria pela leitura e pelo estudo, virtudes alcançadas por eles, colocando-os num plano distinto sem deixar de estarem integrados, produzindo uma visão moralista e redentora em relação à massa iletrada com a qual convivem.

Em resumo, a estrutura de sentimento que Capão Pecado revela, e que está presente em boa parte da produção vinculada à Literatura Hip Hop, é de indignação com o sofrimento do povo expresso numa visão crítica da desigualdade social, porém uma descrença na capacidade de superação coletiva desse povo, dada a sua falta de consciência, de conhecimento e sujeição aos assédios da mídia e outros poderes que os manipulam.

Em face dessa visão, o que encontramos neste livro e também nos autores que fazem parte da Literatura Hip Hop é o povo contra o povo. Algo que, para uma literatura que se pretende engajada, que quer “constranger o Sistema” pode ser visto como uma limitação argumentativa, pois não oferece ao leitor uma perspectiva de futuro que não seja a superação individual, pelo acesso ao conhecimento letrado.

Dessa forma, os próprios escritores, na condição de representantes de uma coletividade em relação à qual assumem a missão de anunciá-la na forma de texto literário, acabam por se tornarem, eles mesmos, um exemplo de superação pessoal a ser seguido por um povo abatido pela opressão social, mas que também se destrói mutuamente nos conflitos que se dão no interior de sua própria comunidade.

A Literatura Periférica, por sua vez, muda substancialmente essa relação com o povo morador



da periferia: “Povo Lindo! Povo Inteligente!” é o bordão usado pelo poeta Sergio Vaz para abrir os recitais da Cooperifa. Há uma confiança no povo como protagonista de seu destino, assim como há uma valorização de aspectos da vida da população periférica que são reprovados pelos escritores da Literatura Hip Hop, notadamente, Ferréz, e Sacolinha, como o consumo de bebida alcoólica, o futebol, a festa, malandragem e outras características que pouco aparecem nos escritos desses autores.

Diferente da Literatura Hip Hop que acentua o aspecto sombrio da periferia permeado por violência, tráfico de drogas e traições, na Literatura Periférica o céu está sempre cheio de pipas no ar, tem churrasquinho na laje, crianças na rua, lembranças da infância feliz, apesar de pobre. A violência está presente nos textos, mas é atenuada por uma abordagem mais sutil e reflexiva, menos explícita. Outro fator de distinção fundamental é com relação ao tema da mulher.

Na Literatura Hip Hop, exceto as mães, a mulher tem um tratamento secundário: é vulgar, traidora, fofoqueira, aparecem quase que exclusivamente para fazer sexo. Ao passo que na Literatura Periférica, as mulheres são cultuadas por seus atributos de beleza, força e companheirismo. Há uma exaltação à figura feminina e o sexo recebe uma abordagem mais delicada. Dois autores (Fuzzil e Akins Kinté) chegam ao ponto de fazerem poemas com o eu lírico feminino.

Em suma, os poetas da Literatura Periférica se envolvem com o povo colocando-se no mesmo patamar dele, com os defeitos e virtudes que lhe são próprios e vislumbram uma transformação que passa, necessariamente, por essa relação. Já os escritores da Literatura Hip Hop parecem se afastar do povo, várias vezes definido como manipulado e fútil. Dotados de uma visão redentora, superestimam o acesso à leitura e à escrita como caminho para a massa a sair da inércia da submissão em que se encontram.

Uma literatura que tem CEP periférico  
Identificar essas duas tendências da literatura produzida nas periferias de São Paulo mapeando as estruturas de sentimentos que lhe são inerentes, ajuda a entender a própria existência de uma literatura que tem CEP periférico. Uma literatura ainda emergente, mas que já tem um lugar na

literatura brasileira contemporânea. Um lugar de tensionamento, por certo, mas também de integração.

É preciso ressaltar que Ferréz, há mais de 20 anos é publicado por grandes editoras (Objetiva, Planeta e, atualmente, Companhia das Letras). Já Sergio Vaz, desde 2007 está no catálogo da Global Editora. Alcançaram um merecido prestígio literário. Mas são autores cujo vínculo com as periferias continua o mesmo. A literatura que produzem também mantém a pegada periférica, mas atravessou a ponte alcançando leitores para além dos arrabaldes. A classificação de periférico ou marginal para eles, longe de ser um limitador, foi impulsionadora do sucesso de ambos.

Notas:

[1] WILLIAMS, Raymond, in: *Marxismo e Literatura*, pág. 126, Zahar Editores, 1979, Rio de Janeiro.

[2] Reuni quase 800 títulos ao longo dos 23 anos em que acompanho essa produção.

[3] Raymond Williams formulou essa categoria de análise ainda nos seus estudos sobre teatro nos anos, 1950. Avançou com seu clássico *Cultura e Sociedade*, publicado em 1958 e depois no estudo *The Long Revolution* (sem tradução no Brasil), de 1962. Mas, é no livro *Marxismo e Literatura*, de 1977 amplamente citado aqui, que ele aborda o tema como teoria. Uma boa discussão sobre estrutura de sentimento como abordagem analítica pode também ser encontrado no livro *A política e as letras* que é um volume com uma longa entrevista da *New Left Review* conduzida pelo historiador Perry Anderson, publicado no Brasil pela Editora da UNESP.

[4] WILLIAMS, Raymond, *Marxismo e Literatura*, op. cit.

[5] WILLIAMS, Raymond, *Marxismo e Literatura*, op. cit.

[6] Desenvolvo esse estudo no meu mestrado: *Mesmo céu, mesmo CEP*, defendido em 2014 na EACH/USP.

[7] Termo que já aparece no livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, como neste trecho: “Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho” (JESUS, 2010, p. 46).

A close-up portrait of a man with dark hair, glasses, and a beard, looking down at an open book he is holding. The background is a dark, textured wall. The text is overlaid on the top and bottom of the image.

**MORADOR DA ZONA LESTE  
EXPRESSA SUA ARTE ATRAVÉS  
DA POESIA**

**Wilson Lirio**

<https://radiocaminhoparaavidafm.com.br/index.php/2023/12/15/morador-da-zona-leste-expressa-sua-arte-atraves-da-poesia/>

Wilson já escreveu 2 livros inteiros, além de escrever suas poesias para uma revista virtual.

A cultura em São Paulo é um dos pontos mais plurais da cidade, sendo um município recheado de pluralidade, a capital é lar de muitas culturas distintas, que chegam de todo o Brasil e do mundo, as influências artísticas presentes em São Paulo servem de inspiração para diversos artistas e entusiastas expressarem através da música, poesia, literatura, culinária, e diversas outras manifestações artísticas.

Na zona leste, um amante das artes e da cultura expressa seu potencial artístico como hobby, por amor a arte, Wilson Lírio, mais conhecido como “Gigio”, de 50 anos de idade, morador do Jardim Imperador, na zona leste de São Paulo, escreve poesias para uma revista virtual de Londrina – PR, chamada “D-Arte”, e já tem dois livros publicados, expressando sua arte principalmente por meio escrita.

Wilson, quando criança, não tinha muitas referências sobre arte, sua família, inclusive, não apoiava manifestações culturais, mas ainda assim, Gigio já se expressava de alguma maneira, fazendo instrumentos com bambu e lata de goiabada, já mostrava a veia artística que percorria em sua essência, mesmo sem condições financeiras. Apesar de sempre apreciar arte, expressá-la como poesia começou num acaso. “A gente fazia Sarau, né juntava uma galera e “vamos fazer um violão, vamos fazer uma poesia vamos fazer” e eu sempre no evento mas na parte arrumando as coisas tal. Faltou um cara uma vez e o cara falou ”Gigio, você tem umas ideias muito loucas, você vai fazer poesia hoje no lugar dele”, e eu falei “como assim?” Ai eu peguei um papel fiz uma poesia e o pessoal gostou, e desta poesia a gente começou a fazer uma revista chamada Pobre, aqui no bairro né, o

que era uma forma de eu me identificar, era uma identidade minha [...] A arte me deixa pleno, tanto na música, quanto na poesia, quanto onde for, a arte me deixa pleno”.

Trabalhador da área de vendas, Wilson usufrui da arte como bem entende, sem a necessidade de vê-la como um produto de mercado, o que faz de suas poesias, expressões definitivamente autênticas. Ele acredita que a cultura não é sinônimo de intelectualidade, e que hábitos e costumes devem ser apreciados enquanto expressões artísticas, e serem valorizados como cultura. “A cultura é transformadora de mais para você achar que o intelectual é aquele que sabe tudo, eu gosto de poesia, mas eu vou morrer sem saber nada porque a vida é degustar. Quando eu falo que nem música eu consigo curtir o mesmo ritmo de música, hoje com meus 50 anos eu procuro música nova, agora mesmo eu tava escutando música da Islândia. Eu acho que existe tanta música no mundo, tanta música no Brasil, tanta música, tanta poesia, tanta energia que pode passar para você na parte da cultura que eu não me sinto nunca satisfeito com o que eu conheço”.

Os livros de Wilson são vendidos hoje apenas pessoalmente, e mostram que a arte e a cultura não são elementos exclusivos de grandes centros, mas podemos encontrar arte por onde passamos e principalmente onde vivemos.

A Central de Notícias da Rádio CAMINHO PARA A VIDA é uma iniciativa do Projeto “A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DA PERIFERIA”. Este projeto foi realizado com o apoio da 7ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Serviço de Radiodifusão Comunitária Para a Cidade de São Paulo.



Cale a boca  
Não é o que gostaria de falar  
As vezes as palavras não fazem nenhum sentido

A direita as vezes não é o melhor caminho  
As vezes precisamos tentar entrar para a esquerda  
É lá que o portal se encontra

Não vá  
É tão incerto  
Eu te pedir um absurdo  
Não sei qual caminho trilhará  
Então te deixo ir

Te esperarei no começo da escadaria onde o sol bate mais forte  
Momentos  
Só são  
feitos de tempos em tempos  
Tempos esse que inventamos só para ter o que esperar  
Então, enquanto o sol brilhar, te espero

Ouçõ pássaros cantando na cerca  
Não se espante  
Estão avisando que algo novo virá  
E, acreditar que tudo dará certo é que trará você de volta, sã e salva

Os rabiscos já estão consolidado  
e o futuro, somos nós que escrevemos  
Sempre haverá águas frescas vindas dos montes

Terei sempre algo novo para te oferecer pois, temos o vento como nosso  
cúmplice e só ele é capaz de nos  
Trazer as nuvens de volta sendo assim...

Vou cantando uma nova canção e esperando as boas novas.

Poesia para uma amiga( irmã)

Nome : Livre arbítrio

20/09/2023

Lenços que não escondem  
o rosto sujo de sangue

Molhados com lágrimas,  
São lágrimas que, escorrem e queimam  
seus olhos verdes

Marcas que ficam,  
Pois viva está  
Não tem como entender  
Como ficou só?  
Não!  
Não tiveram dó ...

Poeiras que fogem da força do átomo  
Átomo que não deixa nada em pé  
Agora só sofrimento

Não vejo vencedor nessa lógica  
Não vejo evolução quando se perde o chão

Ela não quer notícia  
Ela prefere a paz do que uma notícia qualquer

Evolução?  
Em quê?  
Para que?

Eles vendem armas,  
Notícias e armas  
Não há paz  
Só...  
Notícias

Sangue  
Sofrimento  
Lenços não escondem o sofrimento

E, do outro lado,  
O garoto de gorro  
Atira  
É o sofrimento que mata  
Quem mata sofre  
Sofre quem mata

E a poesia que acaba  
É a cultura da morte que se levanta  
E o sofrimento...  
Vira notícia  
Que atravessa os oceanos  
Que vira notícias

É o átomo  
É a modernidade, não tem idade  
Só, basta !  
Nada basta

Evolução

E mais nada

São só cliques  
Só é a febre da informação  
Não temos ação  
Todos, acomodam-se em suas poltronas e...  
Se informam

E, a linda mulher,  
Mistura dor, lágrimas e  
sangue  
Enchuga tudo com o lenço e some  
Some na poeira.

Poesias: Wilson lirio

# Lançamento de livro - O clarinetista na janela

Fernando Antonio Prado Gimenez estará em Londrina no dia 15 próximo para o lançamento de seu mais recente livro de crônicas: O clarinetista na janela. Nascido em Londrina, reside em Curitiba desde 2003. É professor universitário desde 1981, atualmente vinculado à Universidade Federal do Paraná. Além da escrita acadêmica, escreve poemas, contos, memórias e crônicas. Inicialmente, divulgava sua produção literária em dois blogs, e mais recentemente integrou antologias de contos e poesias. Na apresentação do livro, o editor Leonardo Costaneto, escreveu que “a crônica, gênero literário tipicamente brasileiro, tem por mote o flagrante do cotidiano, a vida apreendida em fragmentos, viagens, experiências, tendo a capacidade de nos tocar e mover mesmo em face da sua brevidade. Neste seu “O clarinetista na janela”, Fernando Gimenez nos convida a um passeio por paragens fáceis de reconhecer, aqui ou mundo afora, para que travemos contato com figuras que são muito parecidas conosco ou alguém próximo. São recortes do dia a dia alinhavados com humor e elegância, numa escrita de quem sabe extrair do comum, do corriqueiro, a matéria da sua arte. E o que é a literatura senão isto, deslocar a vida para novos sentidos, a contar da sua reelaboração pela palavra”.

O livro recebeu, também, comentários de Frederico Fernandes na coluna “Literatura Viva” da Rádio UEL, no dia 23/11/2023. Para Frederico Fernandes, as crônicas do escritor são marcadas pela escrita poética e um olhar sensível sobre o espaço urbano. E adiciona, “Fernando Gimenez ao engajar suas palavras no exercício de representar o tempo demonstra habilidosamente como um narrador pode despertar uma epifania ou a compreensão do presente”.

(<https://radio.uel.br/coluna/fernando-gimenez/2023/11/22>)

Serviço:

DATA E HORÁRIO: 15/12/2023 | 19h às 21h

LOCAL: Sesc Londrina Cadeião

ENDEREÇO: Rua Sergipe, 52

SESC LONDRINA CADEIÃO

O livro pode ser adquirido diretamente com o autor ([fapgimenez@gmail.com](mailto:fapgimenez@gmail.com)) ou no site da Editora Caravana (<https://caravanagrupoeditorial.com.br/produto/o-clarinetista-na-janela/>)





# Luís Roxo

Luís Roxo, nasceu em Coimbra, Portugal. Desde muito cedo se revelou ter um talento para a escrita, pintura e música. Considera que a arte é a sua forma de estar e respirar, evocando que todos somos pequenas partículas com alma, que pertence ao corpo do Criador, por isso busca a trilogia da alma e da criação, através da palavra que nasceu antes do Universo, da paisagem pictórica e do som, notas uma a uma que compõem a sinfonia da vida. Aqui

ficam fragmentos por onde Luís Roxo pisa suavemente em silêncio o espaço, o tempo e o interminável infinito do universo e da alma. Entre exposições de pintura, eventos de poesia e música, na comunicação social tanto escrita como nas rádios, e publicações de livros, Luís Rôxo acaba por fundar em 2021 a TVR Cultura com sede no Brasil e Portugal, televisão essa remando contra a maré, divulga novos artistas independentes do mundo inteiro.



## O SILÊNCIO DAS ÁRVORES

### A Raíz

No infinito da floresta, o silêncio das árvores pintam o teu corpo de brisas ondas de sombas. Seus troncos erguem-se como sentinelas do tempo, testemunhas de eras antigas.

Folhas sussurram segredos ao vento, enquanto raízes mergulham fundo em histórias entrelaçadas com a terra. Cada folha é uma palavra de seda, cada ramo é uma linha de poesia, cada galho uma jornada contada em cicatrizes e crescimento. Sob o dossel verde debaixo das nuvens, um murmúrio sutil ecoa, convidando à reflexão. Ali, naquele lago sereno, fronteira entre o mundo visível e o invisível almas com asas prateadas de luz cintilante, encontram ecos das montanhas, e os corações, humanos desaceleram para ouvir a melodia serena do universo, entrelaçada no silêncio das árvores.

E ela que foi montanha, e mar e azul,  
 E ela que foi céu, e estrela e sul,  
 E ela que foi caminho, e pé e jornada,  
 E ela que foi amor, e dor e encantada,  
 E ela que foi grito, e esperança e libertada.  
 E ela que foi pedra, e névoa e calada,  
 E ela que foi rio, e água e gelada,  
 E ela que foi raiz, e terra e amada,  
 E ela que foi ar, e pássaro e voava,  
 E ela que foi espírito, e corpo e cantava.

E morremos no chão como pó, alimento no silêncio das raízes das árvores...

JÁ À VENDA NOVO LIVRO DE: LUÍS ROXO

O SILÊNCIO DAS ÁRVORES – Livro físico

<https://uiclap.bio/luisroxo>

[linktr.ee/luisroxoescritor](https://linktr.ee/luisroxoescritor)

Copyright &quot;©&quot; by Luís Roxo

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer

meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Autor: Luís Roxo. ISBN: 978-65-00-81463-7





# Dias Campos

Amigos para sempre.

Se há cenas que a todos encantam são as que retratam animais de estimação de diferentes raças – que, em princípio, jamais poderiam conviver – interagindo em perfeita harmonia. Carlos adorava assistir a esses vídeos no Instagram. E quanto mais esdrúxula fosse a combinação, mais maravilhado ficava. – Era coruja brincando com Golden Retriever; patinho dormindo abraçado com filhote de macaco; gato servindo de poleiro para periquitos...

E a tal ponto deixou-se seduzir por essas imagens, que resolveu transformar o seu passatempo em realidade, adquirindo os pets mais exóticos e incompatíveis que houvesse no mercado. Para isto, Carlos seguiria o conselho de um amigo veterinário, e optaria pelas crias ao invés dos adultos, condição mais segura a um futuro convívio pacífico. Ocorre que exotismo e incompatibilidade não são, necessariamente, fáceis de achar, nem de comprar.

Pois várias semanas passaram até que uma das muitas lojas que visitou ligasse informando que uma Jiboia albina acabara de chegar. – Carlos não especificara nenhuma raça, deixando que o destino o surpreendesse. Ele, então, mandou reservá-la, pouco se importando com o preço que iria pagar. E o final de semana seria todo dedicado à sua primeira aquisição. O segundo animal, contudo, não aparecia; e isso preocupava Carlos, pois era imprescindível que Jaciara – era o nome que dera à cobra – crescesse na companhia de um irmãozinho.

Mas esse contratempo seria resolvido no final de semana seguinte, quando Carlos resolveu visitar o seu único tio, que morava em um sítio isolado, no interior do Estado. É que o matuto adotara um Carcará ainda em plumas, cujos pais tiveram o azar de terem sido atropelados em plena rodovia. Carlos encantou-se com o achado, e perguntou ao dono se queria vendê-lo. Ora, como seu parente ficasse muito feliz com a visita, deu-lhe a ave de presente. E o sonho de Carlos concretizava-se. Seriam dois animais naturalmente inconciliáveis, mas cujo convívio precoce faria com que se unissem para sempre.

Com o passar do tempo, Jaciara e Alfredo tornaram-se inseparáveis, sendo corriqueiro dormirem juntos – aquela (enrolada) servindo de ninho para este. Carlos deliciava-se, e os postava no Instagram. Por vezes, ele recebia mensagens dos internautas, advertindo-o de que, mais cedo ou mais tarde, ou Carcará estriparia a Jiboia, ou a cobra engoliria o falcão. O orgulhoso proprietário, contudo, recusava-se a crer que isso pudesse acontecer. Afinal, não se dedicara por tanto tempo aos rebentos para ver a família destroçada à custa de um fratricídio.

No entanto, esta infame possibilidade começou a criar raízes no coração de Carlos... E os pesadelos não tardaram a açoitá-lo, ora testemunhando Jaciara asfixiando o pobre do caçula, ora assistindo a Alfredo rasgando os olhos da indefesa irmã. Mas como poderia prevenir-se? O que precisaria fazer para afastar a tragédia anunciada? Deveria impedir o convívio? Mas, daí, tudo o que idealizara seria jogado no lixo. Melhor, então, seria imitar seus pais na natureza, sacrificando (doando) o mais fraco em proveito da mais forte? Impossível, pois o amor que sentia por ambos não lhe permitia discriminações.

Com o passar dos dias, mais se avizinhava o perigo, e mais desanimado ficava Carlos ante a sua impotência. Certo sábado, à tarde, quando o coração batia contrito, Carlos resolveu ir até a igreja de São Francisco de Assis, o protetor dos animais. Nada melhor do que uma boa prece para que uma luz se fizesse. Só que ao invés de vislumbrar um caminho, o que veio à mente do fiel foi a lembrança de que saíra de casa sem que, antes, tivesse distribuído os almoços aos animais. E um arrepio subiu-lhe pela espinha!... E ele chispou antes mesmo da liturgia terminar.

Ao abrir a porta de sua residência, Carlos topou com uma cena que por certo jamais sumirá de sua mente... Jaciara e Alfredo banquetevam-se, sim, mas com o coelho do vizinho, petisco este que a ave capturou logo depois de ter escapulado pela janela, e a serpente comprimiu até virar uma maleável e apetitosa panqueca. E se é verdade que Carlos não teve coragem de comer carne naquela noite, também é exato afirmar que nunca mais se preocupará com eventuais aversões entre seus pets.

# Martha Medeiros

Morre lentamente

quem se transforma em escravo do hábito,  
repetindo todos os dias os mesmos trajectos, quem não muda de marca  
Não se arrisca a vestir uma nova cor ou não conversa com quem não conhece.

Morre lentamente

quem faz da televisão o seu guru.

Morre lentamente

quem evita uma paixão,  
quem prefere o negro sobre o branco  
e os pontos sobre os “is” em detrimento de um redemoinho de emoções,  
justamente as que resgatam o brilho dos olhos,  
sorrisos dos bocejos,  
corações aos tropeços e sentimentos.

Morre lentamente

quem não vira a mesa quando está infeliz com o seu trabalho,  
quem não arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho,  
quem não se permite pelo menos uma vez na vida,  
fugir dos conselhos sensatos.

Morre lentamente

quem não viaja,  
quem não lê,  
quem não ouve música,  
quem não encontra graça em si mesmo.

Morre lentamente

quem destrói o seu amor-próprio,  
quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente,

quem passa os dias queixando-se da sua má sorte  
ou da chuva incessante.

Morre lentamente,

quem abandona um projecto antes de iniciá-lo,  
não pergunta sobre um assunto que desconhece  
ou não responde quando lhe indagam sobre algo que sabe.

Evitemos a morte em doses suaves,  
recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior  
que o simples fato de respirar. Somente a perseverança fará com que conquistemos  
um estágio esplêndido de felicidade.

Martha Medeiros nasceu no dia 20 de agosto de 1961. É jornalista, escritora, aforista e poetisa brasileira.

Nasceu a 20 Agosto 1961 (Brasil)

# Prêmio Carolina Maria de Jesus seleciona 61 escritoras

<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/premio-carolina-maria-de-jesus-seleciona-61-escritoras>



## **Lista inclui 12 mulheres negras, seis PcD, três indígenas e três quilombolas, com obras em diversos gêneros literários**

esta quinta-feira (07), o Ministério da Cultura (MinC) divulgou o Resultado Final da Seleção do Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres 2023. A lista com as escolhidas para o primeiro edital com ações afirmativas lançado pela Pasta, desde a sua retomada, comemora a potência da produção no país, com premiadas em todos os gêneros literários.

Foram recebidas 2.619 inscrições, com 1.922 habilitadas e avaliadas e 61 selecionadas - 12 de mulheres negras; seis PcD (pessoas com deficiência); três indígenas; três quilombolas e 37 na categoria “não se aplica”, que corresponde à ampla concorrência. Nessa última categoria há uma escritora transgênero

premiada.

“O Prêmio Carolina Maria de Jesus passa a ser um instrumento permanente do MinC para o fomento da literatura produzida por mulheres. E sua primeira edição foi emblemática, com um número expressivo de propostas, gerando uma cartografia literária muito potente”, afirma o secretário de Formação, Livro e Leitura, Fabiano Piúba. E completa: “Compreendemos assim, que estamos prestigiando as obras das escritoras inscritas, além de celebrar uma produção literária diversa e valorizar a literatura elaborada por escritoras brasileiras destacando, especialmente, as escritoras negras, indígenas, quilombolas e PCD que

foram selecionadas nesta premiação, algo inédito em prêmios literários”.

O número de escritoras premiadas saltou de 40 para 60, fruto do alto número de obras com alta avaliação, em sua maioria, notas máximas. Com isso, o recurso inicial de R\$ 2 milhões também aumentou e passou a ser de R\$ R\$ 3.000.000,00. Após decisão da Comissão de Seleção foram disponibilizados mais R\$ 50.000,00, passando o valor total do edital para R\$ 3.050.000,00, e a premiação contemplou 61 obras literárias.

O Prêmio Carolina Maria de Jesus traz um retrato importante da escrita no Brasil. Entre as 61 selecionadas, três são do Centro-Oeste (4,92%); 12 do Nordeste (19,67%); quatro do Norte (6,56%), 32 do Sudeste (52,46%) e 10 do Sul (16,39%). Um outro olhar para o resultado aponta uma diversidade de formatos da literatura produzida por mulheres.

O diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas da Sefli, Jéferson Assunção, destaca a importância do edital para apresentar a pluralidade da literatura feita no Brasil. “Não são apenas as escritoras contempladas que ganham com este edital, mas toda a sociedade brasileira, na medida em que novas vozes surgem para falar sobre nossas realidades e possibilidades de invenção. Esta é a importância dos editais, pois são instrumentos que possibilitam não apenas democratizar o acesso aos recursos públicos, mas sobretudo mostrar parte da imensa diversidade da produção literária brasileira. O Edital Carolina Maria de Jesus integra uma série de iniciativas que começam a ser desenvolvidas no país para apoio e reconhecimento da qualidade da nossa escrita. Neste caso, a feita por mulheres. Mais vozes, mais riqueza, mais diversidade”.

Das 61 selecionadas, 15 apresentaram obras no gênero conto (24,59%); quatro na

crônica (6,56%); 14 na poesia (22,95%); uma no quadrinho (1,64%); 24 no romance (39,34%) e três no roteiro de teatro (4,92%). As mais de sessenta escritoras selecionadas com obras inéditas receberão R\$ 50 mil cada. A Comissão de Seleção do concurso contou com 74 avaliadoras. O grupo incluiu professoras, escritoras, servidoras públicas e gestoras do livro e leitura de todo o país, que analisaram 1.922 obras literárias.

“O resultado do prêmio Carolina é potente como a literatura produzida por todas essas escritoras do país inteiro. Gosto de imaginar Carolina, que tanto lutou para escrever, abrindo as portas para tantas escritoras, especialmente as negras, quilombolas e indígenas”, comenta a coordenadora-geral de Livro e Literatura da Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, Andressa Marques.

### Homenagem

Além de impulsionar trabalhos literários produzidos por mulheres, o prêmio homenageia uma escritora brasileira de renome internacional: Carolina Maria de Jesus. Nascida em 1914, ela escrevia sobre o seu cotidiano, suas reflexões e criava imagens literárias em um caderno quando morava na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo. Em 1958, ela conheceu o jornalista Audálio Dantas, que a auxiliou na publicação de seus diários.

O prêmio se tornou histórico ao distribuir R\$ 3.050.000,00 (três milhões e cinquenta mil reais) para 61 prêmios de R\$ 50 mil para obras literárias inéditas produzidas por mulheres brasileiras (cis ou transgênero). “Certamente nós teremos um resultado importante para o mapeamento da literatura feita por mulheres no Brasil”, garante Jéferson.

# Evandro Valentim de Melo

## Vivências do Pererê na cidade grande

Essa gente de hoje pouco sabe, pouco vê, pouco ouve e pouco lê sobre seres encantados. Não aqueles das telas de cinema em películas cheias de efeitos especiais, mas os verdadeiros, que pela roça e nas matas, em noites tenebrosas, todos temem encontrar.

Os mais antigos e, entre esses, os interioranos se ressentem da ausência do sentar em torno da fogueira, em noites enluaradas ou não, a fim de ouvir “causos” de assombração, todos absolutamente verídicos e testemunhados por tantos andarilhos que apareciam carregando tais histórias em seus alforjes e as compartilhando com quem as quisesse ouvir. Recentemente, um desses seres encantados, talvez o mais famoso do Brasil, perambulou pela cidade do Rio de Janeiro. Ele não veio à cidade grande de caso pensado, ao contrário, quando deu por si, estava nela, que dele se aproximou e se aproximou, em decorrência do avanço urbano acríptico e especulativo, que por muito tempo e a cada dia roubou um pouco mais dos espaços em que ele, outros seres encantados e inúmeros bichos de uma fauna que não mais existe: a Mata Atlântica.

Atraído pelo barulho vindo de dentro do estádio Engenhão, o Saci resolveu espiar o que acontecia. Se os seguranças parrudos e anabolizados olhassem mais atentamente, notariam os redemoinhos, que teimavam em se formar de onde, misteriosa e rapidamente, saía e entrava um negrinho de barrete vermelho na carapinha, a vagar pela marquise durante as provas de atletismo do evento esportivo que lá acontecia.

O negrinho sentia-se como que hipnotizado, olhar atraído para as pessoas que, como ele, não tinham uma das pernas, mas no lugar da que faltava, possuíam um tipo diferente, que não era de carne e osso. O encantamento ficou ainda maior ao ver que, mesmo com uma perna diferente, essas pessoas corriam em grande velocidade.

O Saci temia ser visto, mas não conseguia se desencantar do fascínio por aquelas pernas. A curiosidade o motivava a se arriscar. Cercado pelo vento, o negrinho foi, retornou, foi novamente, tornou a voltar e, uma vez ainda, repetiu o vaivém.

— Como será conseguem essas pernas? Queria uma para mim - pensou ele.

Pôde escutar fragmentos de conversas aqui e ali e descobriu que pernas como aquelas poderiam ser conseguidas em hospitais. O que era um hospital, ele desconhecia.

Poder se transformar em vento, tem lá suas vantagens. Ele vê e ouve, mas não é visto. Causa, por onde passa, no máximo, algum desconforto, como levar poeira e fuligem da poluição carioca aos olhos e cabelos das pessoas. Estas, tão ocupadas com a correria de suas vidas, não percebiam que acima ou atrás de uma parada de ônibus, pendurado em um outdoor, escondido em lugares insuspeitos, o negrinho investigava.

Algum tempo depois, estava ele à frente de grande e imponente hospital. Fachada imaculadamente branca. Entrou sem maiores dificuldades, afinal, vento passa em qualquer fresta. Lá dentro, contudo, depois de observar, constatou que precisaria de uma tal carteirinha de plano de saúde ou de dinheiro para bancar os serviços de que precisava. Não tinha um, tampouco o outro. Meio desanimado, foi-se.

Teimoso como só os de sua espécie o são, o Saci não desistiu.

Curiando um pouco mais, descobriu existir outra versão de hospital, onde não necessitaria pagar ou apresentar a tal carteirinha de plano de saúde. De brisa em brisa, raridade naquela cidade quente como o quê, descansando à sombra de algumas poucas árvores, durante a “caminhada”, ele chegou a outro grande hospital. Não tão belo quanto o primeiro, não era, também, imaculadamente alvo como o anterior, mas nesse, pelo que ouvira dizer, poderia conseguir o que queria.

O que ele presenciou nesse hospital, causou-lhe mal-estar: gente amontoada; sofrimentos diversos; brigas; choros; má vontade de uns; impotência de outros; desrespeito e tantas mazelas, que o negrinho não conseguiu lá permanecer. Adoeceria se ali ficasse. Se vitimado por algum mal, não teria a menor chance de ser atendido, tamanha era a fila de espera. Para evitar o pior, uma vez mais, o negrinho se foi. À maneira da raposa de certa fábula que não alcançou um cacho de uvas, passou a desdenhar a perna postiça: “eu não queria essa coisa mesmo, onde já se viu um Saci com duas pernas!”.

Sem a necessidade de enfrentar engarrafamentos; andar em ônibus lotado; em vans com motoristas ensandecidos; em táxi ou Uber, cujos condutores vivem em pé de guerra, o negrinho resolveu voltar ao Engenhão. Lá de cima, da marquise já sua conhecida, emocionou-se ao presenciar a arrancada final de um atleta, que o fez conquistar a medalha de prata na corrida de quatrocentos metros. A esse não faltava uma perna, mas o pedaço de um dos braços.

— Como é veloz aquele moço! Se a corrida durasse apenas mais um pouco, ele seria o vencedor - Admirou-se o visitante da Mata Atlântica. Depois desse dia atípico, o negrinho resolveu descansar. Quando despertou, era noite e ele decidiu sair sem destino certo. Havia achado a cidade muito linda.

Bem-disposto, fez questão de ir a muitos lugares, desde os frequentados por quem tinha dinheiro – já sabia que o vil metal permitia acesso a muitas coisas -, até outros, onde a diversão não dependia tanto de possuí-lo.

Distinguiu sons de disparos de armas de fogo, de explosões (gente boa a visitar os caixas eletrônicos, certamente), de sirenes, de gritos, de choros, de cães a uivar e a latir. Ouviu também sons de batuques e de músicas variadas, na eclética sinfonia urbana. Viu gente a requebrar, gente que bebia e que fumava - não eram cachimbos iguais ao seu - cheiro nauseante, que deixava as pessoas avoadas. Ele próprio sentiu-se tonto e precisou subir ao céu para respirar o ar sem aquele cheiro estranho.

Ao apurar mais a escuta, chegaram-lhe sons de suspiros, de ais e miados, qual faziam os gatos do mato ao acasalarem. A vida na cidade era muito intensa e esquisita. Alta madrugada e o Saci concluiu ter visto o suficiente. Apesar do pouco tempo a vagar naquela bela cidade, sentiu saudade e o desejo de regressar a seu habitat, detentor de outras riquezas, segundo ele, de muito mais valor.

— Melhor voltar ao meu mundo, onde só de vez em quando, encontro essas gentes daqui e suas esquisitices. A cidade grande me dá medo – concluiu o visitante, que rodopiou o mais veloz que pôde e partiu.



**NA SOMBRA DO  
IPÊ AMARELO**

**Cristian Canto**

A poucos metros da entrada principal da cidade e ao lado da rodoviária, sentado sob um grande Ipê-amarelo, Agenor, conhecido como o senhor dos pássaros, alimentava as pombas que o rodeavam em movimentos rápidos entre pulos e bicadas no chão. Agenor era um homem grande, de barriga larga, cabelos grisalhos e barba branca como a neve. Alguns o chamavam de Papai Noel do ipê, pela semelhança com o bom velhinho. Eram muitos apelidos dados ao querido homem. O senhor dos pássaros conhecia todos os habitantes da pequena cidade. Tanta memória, que dizia ter o nome de todos os moradores em sua cabeça.

Dois meninos se aproximaram com os olhos vidrados nas pombas. Agenor fitou os dois pequenos que utilizavam capas e máscaras coloridas. Um era um pouco maior e vestia azul e o outro, amarelo.

— Olá meninos! — Disse o senhor dos pássaros.

— Oi tio! — Respondeu o maior.

— Oi! — Sussurrou o menor.

— Estranho! Não reconheço vocês. Moram aqui? — Questionou surpreso, Agenor.

— Agora sim, parece seguro ficar aqui. — Disse o maior.

— Essa cidade é muito tranquila. — Disse Agenor.

— Sim, aqui estaremos em paz. — Concluiu o menor.

O senhor dos pássaros coçou a barba branca tentando entender o que o pequeno havia dito. Aqueles meninos de rostos cobertos por máscaras não lembravam ninguém que ele conhecia. Questionava sua ótima memória e conhecimento sobre a cidade, ninguém entrava ou saía daquele lugar sem o seu conhecimento. Exceto se chegassem na madrugada, único momento que Agenor se ausentava da sombra da árvore.

— Ah, Entendi! Mudaram para essa cidade com suas famílias? — Continuou Agenor.

Os dois meninos se olharam, sorriram e saíram pulando entre as pombas, que entretidas com o farelo de pão, não se importaram com os meninos entre elas. Agenor os olhava, tentando entender os dois pequenos. Eles apenas se olhavam e sorriam.

— Chegaram pela madrugada, certo? — Questionou, cada vez mais curioso.

— Não, tio. Chegamos bem em frente aos seus olhos. O senhor nos recepcionou, não lembra? — Disse o maior.

— Ele sabe bem. — Sussurrou o menor.

Agenor alisava seu cabelo com uma das mãos e coçava a barriga com a outra. Buscava em sua cabeça alguma imagem que relacionasse a chegada da família. Vieram de carro? Talvez de ônibus? Mas como passou pela sua atenta atenção?

Abrindo mais um pacotinho de farelo, Agenor levantou-se do banco e com um leve assovio chamou a atenção dos meninos.

— Diga seus nomes, menino da máscara azul.

— Sou o Super E, e ele é o Capitão R. — Disse o maior, colocando as mãos na cintura imitando o gesto do Super Homem.

— Sim, sei! — Disse rindo, Agenor. — Mas seus nomes reais, como são? — Continuou.

Os dois meninos ignoraram a pergunta do senhor dos pássaros e voltaram a correr em volta da árvore. Agenor orgulhava-se de seu total conhecimento e controle daquela cidade. Ele, sim, era como um super-herói, um guardião da cidade, protetor do ipê e dos pássaros. Sentia-se feliz com os elogios que sempre recebia de quem quer que passasse pelo local, mas naquele momento sentia ter perdido algo. Mas como isso aconteceu? Não há outro caminho, para entrar na cidade, mesmo com idade avançada, seus olhos ainda enxergavam muito bem. Então, quem eram aqueles que corriam entre os pássaros sem que qualquer um saísse do lugar? Pensava que a inocência dos garotos não causava medo em seus amigos de pena. Só podia ser isso.

Depois de muitas dúvidas sem resposta, e muito tempo de correria dos meninos, Agenor volta a chamá-los.

— Ei, meninos!

Nem sequer ouviram a chamada, corriam e pulavam com suas capas que esticavam com o vento.

— Ei, Super E, ei Capitão R, poderiam me dar um pouco de atenção? — Solicitou Agenor.

Os meninos viraram orgulhosos em direção ao senhor dos pássaros.

— Estão com fome?

— Não! Já estamos satisfeitos. — Disse Super E.

— O senhor é muito gentil. — Completou Capitão R.

— Está certo, mas o que fiz de tão bom para vocês? — Questionou Agenor.

— Mesmo com todos os poderes que carregamos, sabemos que o senhor é que nos protege. — Falou o Capitão R, utilizando uma voz mais potente.

— Queremos apenas agradecer seu carinho por todos nós. — Finalizou Super E.

Agenor os olhava com muita empatia e dúvida, sem saber o que havia feito de tão extraordinário por eles.

— Ei, Papai Noel do Ipê! — A voz vinha da rodoviária. Era a Dona Chica que chegava para abrir a lanchonete.

— Oi, Dona Chica, logo passo para buscar os restos de pão. — Disse Agenor.

O senhor dos pássaros virou-se procurando os meninos, mas eles não estavam mais ali. Virou o rosto, girou o corpo, mas não havia nenhum rastro. Sentou-se novamente e voltou a alimentar seus amigos.

Assim que lançou o último punhado de farelo, uma pomba pousou na guarda do banco. Agenor percebeu que uma de suas asas era levemente azul.

— Super E, é você? — E completou: — Onde está o Capitão R?

Assim que terminou de falar, outra pomba sentou em seu ombro. Com o canto do olho percebeu que o pescoço do pássaro era amarelo

— Aí está você.

Agenor pareceu não se surpreender com a descoberta da verdadeira identidade dos pequenos heróis que havia conhecido, apenas sorriu com a certeza de que ainda era conhecedor de todos na cidade, independente, se chegavam de carro, pela rodoviária ou vindos do céu.

## PUTA TEM FAMÍLIA

Dispa-se de preconceitos

É a história de Helena que procura por sua irmã Aurora, numa sequência de encontros e desencontros. Nessa narrativa sobre uma família de mulheres, que moravam em Vitória e depois foram para São Paulo, a trama começa com o nascimento de Helena na década de 1960 e tem um forte viés histórico, apresentando o Brasil do Regime Militar dentro dos lares, com suas propagandas ufanistas na TV, jogos da copa, tentativa de prisão de Aurora pela Polícia Política, a cena cultural underground dos anos 80 da Pauliceia Desvairada.

Personagens reais transpassadas pela ficção, trazem o cotidiano de uma mãe com três filhas, de classe média baixa, na luta pelo seu espaço, onde cada uma traça seu caminho: constituir família, fazer universidade ou se tornar prostituta. Como esses caminhos se cruzam e se aceitam?

PUTA TEM FAMÍLIA | THAIS HELENA LEITE

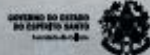


# PUTA TEM FAMÍLIA



Thais Helena Leite faz uma estreia de veterana com esse romance. Co-autora do livro História e Geografia do Espírito Santo (9 edições), se joga no universo da ficção com personagens reais, desenvolvendo uma trama cercada de amores, História, sem cair no didatismo, nos levando a viajar, conhecer e mergulhar na Vitória de 1962 com sua linha de bonde da Praia do Sué, no Bexiga da capital paulistana dos anos 1980 com seus punks e carecas, numa narrativa com mulheres fortes e empoderadas.

Baronesa de Araras.  
Escritora e Roteirista



Livro de autoficção será lançado em Vila Velha no próximo dia 24

Putá Tem Família conta a história de uma família com três irmãs que seguiram caminhos diferentes, mas aprendem a conviver com essas diferenças e respeitá-las. A escritora Thais Helena Leite lança, no dia 24 de setembro, o livro Putá Tem Família, no qual conta a história de quatro mulheres: a mãe, Mathilde, uma mulher que cria sozinha as três filhas, Helena, Aurora e Maria, que seguem trajetórias diferentes em suas vidas. O lançamento será às 8h, no Sebo Ponto de Cultura, em Vila Velha, como parte da programação do projeto Corrida Com Arte, realizado pelo estabelecimento, no Centro de Vila Velha. O Corrida com Arte, realizado durante as 10 Milhas Garoto, contará, ainda, com apresentações musicais, concurso e pintura e outras atrações artísticas.

Com prefácio da jornalista que já foi jurada do prêmio Jabuti e criadora de conteúdo, Tatianny Leite, o livro será vendido durante o lançamento por R\$ 20,00. Também poderá ser adquirido depois do lançamento no Sebo Ponto de Cultura, além do site da Amazon e da Estante Virtual, onde será possível comprar as versões impressa e digital.

Helena, a personagem principal da obra, é uma jovem nascida na década de 60, que se tornou punk e intelectual. Maria se casa e constitui família. Aurora segue uma trajetória que normalmente não é o desejo das famílias brasileiras para suas filhas: torna-se puta. Como é descobrir que sua irmã é puta? Como reagir? O que fazer? O leitor descobrirá isso junto com a personagem Helena, durante a leitura de Putá Tem Família, que mostra, ainda, como esses caminhos se cruzam e essas mulheres se aceitam.

A trama começa com o nascimento de Helena e perpassa por vários momentos históricos do Brasil, como a ditadura militar, com suas propagandas ufanistas na TV, jogos da Copa do Mundo, tentativa de prisão de Aurora por parte da Polícia Política e a cena cultural da década de 80. No decorrer do livro, Helena procura por Aurora, em uma história marcada por encontros e desencontros, nessa autoficção. A obra tem apoio do Funchura e da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo.

### Sobre a autora

Thais Helena Leite nasceu em São Paulo capital e chegou ao Espírito Santo em 1989, onde mora até hoje. Professora de História do Brasil e da África, trabalhou em escolas públicas, privadas e em projetos sociais durante 25 anos. Dedicou-se à pesquisa sobre a história do Espírito Santo em todo esse período, tendo lançado um livro didático e feito palestra em vários municípios do estado. Após concluir o curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), após os 60 anos iniciou a carreira de Realizadora Audiovisual. Roteirizou e dirigiu os filmes Marés (2022) e Mulheres Maratimbas (2023), além de coordenar a criação do portal Patrimônio Capixaba.

### Serviço

Lançamento do livro Putá Tem Família, de Thais Helena Leite

Local: Sebo Ponto de Cultura, localizado na rua Henrique Moscoso, 1.862, Centro, Vila Velha – Próximo ao Shopping da Terra

Horário: a partir das 8h

Valor do livro: R\$ 20,00 (A venda no sebo Ponto de Cultura e no site da Amazon)



**Sou um mc da zona norte de Londrina. Região essa conhecida como Cinco Conjuntos, também chamada de cincão. Mais um mc buscando espaço na cena e botando cara a tapa. 20 anos de vivência, coletando informações para escrever através em rimas e batidas. Mais um menor revoltado, que não nasceu herdeiro e busca transmitir todo seu ódio através da arte. Sou mais um fruto da escravidão, sou mais um sobrevivente.**

**Deixo aqui minha poesia:**

Aqui o chicote estrala  
E vivemos a escravidão  
Empresários são senhores de escravos  
Somos zumbi em buscar da libertação  
Eles querem segregação e nós a revolução  
Reconstruir todo o cenário  
Em busca de união  
Mas nem é marca de açúcar  
União é tipo vitória  
Fazendo sol em meio a chuva  
Pisando em cacos e espinhos nessa trajetória  
Nasci com a cor do pecado  
A carne mais barata do mercado  
Somos corpos fetichizados e objetos sexual  
Nasci com a cor do pecado  
Corpos marginalizados o chicote tem mercado  
Por branquinho engravatado, e sapato social  
Mas madame não esconde a bolsa  
Eu não vou roubar ninguém  
Talvez eu roube a cena  
E o coração de sei lá quem  
Não precisa atravessar a rua não  
O bicho papão já passou  
Enquadrando a molecada  
E batendo em trabalhador  
Nas favelas é esculacho  
Casas reviradas, operações nos horário de saída pro trabalho  
No Alphaville é outra parada, não pode pisar na calçada  
Se não o PM é xingado e toma até tapa na cara  
(Aí de nós moradores de periferia ter essa ousadia, aí de nós haha)  
Sabe oq é engraçado?  
Somos o país em que mais morre trans e travestis por dia  
E tbm lideramos o ranking no país em que mais consome pornografia  
Somos o país em que mais morre pretos na mão da polícia militar  
Ou o genocídio cultural pela Polícia Rodoviária Federal mortos cruelmente a câmaras de gás  
Enquanto mais uma Damares existir  
Mais Marielle's vão morrer  
Enquanto a PM existe  
Mais negros moradores de periferia vão morrer  
João Pedro, Kauê Ribeiro, Kauan Rosário, Ágata  
Somos mortos ou presos injustamente, liberdade Rafael Braga  
Foram 111 tiros em 5 jovens de periferia  
80 tiros no carro de um trabalhador pai de família  
Até quando? George Floyd aqui acontece em todo o lado  
Genivaldo e jacarezinho são só mais dois casos isolados  
Jovens negros na luta, tipo Renato Freitas e o Galo  
Eles podem até tentar me matar, mas nem assim eu me calo

MARIGHELLA - PRESENTE  
MARIELLE - PRESENTE  
HOJE E PRA SEMPRE

JOÃO PEDRO - PRESENTE  
ÁGATA - PRESENTE  
HOJE E PRA SEMPRE

KAUAN ROSÁRIO - PRESENTE  
KAUÊ RIBEIRO - PRESENTE

Vish se eu ficar aqui, essa porra não vai acabar  
Então depois de eu mostrar o holocausto urbano é melhor eu finalizar.

# Indígena de MS ganha maior prêmio de literatura com poema sonhado

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/indigena-de-ms-ganha-maior-premio-de-literatura-com-poema-sonhado>



**Benilda Kadiwéu é uma das coautoras de livro que venceu na categoria 'Fomento à Leitura' do Prêmio Jabuti 2023 -**

**CREDITO: CAMPO GRANDE NEWS**

Quando precisou deixar a aldeia Alves de Barros, em Porto Murtinho, Examelexê, a Benilda Kadiwéu, não imaginava que receberia a maior premiação de literatura do Brasil ao lado de outras 62 mulheres indígenas anos depois. Destaque nacional, a artista, designer e professora indígena de Mato Grosso do Sul garantiu o prêmio como coautora da obra literária “Álbum Guerreiras da Ancestralidade”, organizada por Eva Potiguara.

“Fui apresentada para Eva pela Auritha Tabajara, indígena cearense, escritora e cordelista. A Eva pediu para olhar meus poemas, escolheu dois e me disse que eu estava apta para participar do grupo. Revisei os poemas e enviei, deu esse resultado lindo do coletivo”, introduz Bení sobre como se conectou ao grupo organizado por Eva.

Mais do que vencer o prêmio sozinha, ela reforça que ter conquistado essa vitória em um coletivo com outras mulheres é o grande destaque. “Ganhar o Prêmio Jabuti em coletivo é uma alegria imensa, esse prêmio tão desejado é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido com o interesse de premiar autores, editores e ilustradores”.

Em relação aos poemas escolhidos por ela para integrar o álbum, Benilda detalha que a primeira opção veio em sonho, “acordei já com a caneta na mão para transcrever. E a maioria dos poemas escreve sobre a minha vivência e a história do meu povo Ejiwajegi, símbolo de defesa e luta”.

Definido como um álbum biográfico, o livro do coletivo Mulherio das Letras Indígenas reúne escritoras e poetas indígenas de várias regiões do país. “Este trabalho sintetiza o entrelaçamento de trajetórias das poetas indígenas ao tecer não apenas as trajetórias individuais, mas também as narrativas históricas, raízes, ancestralidades, desafios, conflitos e vitórias que moldam a vida pessoal e coletiva nos territórios indígenas e nas cidades”, apresenta a assessoria de comunicação da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas).

Especificamente sobre a categoria em que o livro concorreu, o destaque é para obras que despertem o interesse e hábito da leitura, tendo cunho de caráter social, educativo, cultural ou tecnológico, sendo inclusivas e abrangentes.

Em sua participação no livro, Benilda resgata memórias construídas na aldeia Alves de Barros, localizada em Porto Murtinho. Lá, ela narra sobre seu nome de batismo, as práticas tradicionais que

a constituíram e a transição forçada para a cidade.

“Quando ainda era criança, recebi uma homenagem dos meus avós paternos, batizada com o nome Examelexê, que na tradução: ‘é uma cantoria que relembra a história de luta pela sobrevivência das famílias ejiwajegi, na proteção das terras, em corpo e espírito’”, introduz a artista.

Enquanto permaneceu na aldeia, Benilda garante que vivenciou vários modos de se conectar à arte e cultura kadiwéu. “Com a confecção das miniaturas em cerâmica, feitas a partir de barro e argila, com pigmentos naturais e algumas seivas retiradas na natureza na fabricação da resina a partir do Palo Santo”.

A retirada do mel de abelhas, busca por jenipapo e colheita de urucum para que os mais velhos pudessem praticar as pinturas também integram as experiências relatadas no livro. E, quando chegou o momento de se mudar para a cidade e continuar os estudos no ensino fundamental, Benilda explica que o contato com a arte se fortaleceu enquanto sua língua indígena precisava ficar em segundo plano.

“Foi um desafio muito grande voltar a escrever na língua kadiwéu, comecei a traduzir poemas, me inspirar e fazer poesias na língua indígena kadiwéu. A arte e a poesia foram importantes para o fortalecimento da minha identidade, ampliaram a visão de mundo das pessoas e o respeito ao meu redor, foi um espaço de expressão e participação dos outros”.

Desde então, Benilda recebeu o título para dar aulas em escolas indígenas e se formou como designer pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) em 2009. Hoje, reforça que usa o etnodesign para compartilhar aspectos da cultura kadiwéu.

“Provocar a reflexão sobre o universo simbólico da arte kadiwéu é respeitar seus significados, elemento relevante da cultura do meu povo guerreiro”, completa em sua biografia no livro.

Para integrar o álbum biográfico, a artista submeteu os poemas “Godamipi” (Nossos Ancestrais) e “Apolicagademigipi” (Cavaleiros) e a frase “Godicogegi Ane Niigotedi Godampi” (Somos feitos da terra de nossos ancestrais).

# feliz

2024

PRÓXIMA EDIÇÃO

##28

[dartelondrina@gmail.com](mailto:dartelondrina@gmail.com)

insta @dartelondrina